



Departamento de História

O PCP e a desagregação da URSS:
(1985-2007)

Pedro Miguel Ferreira Rios Pinto

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em História Moderna e Contemporânea

Orientador

Doutor Carlos Manuel Coelho Maurício, Professor Auxiliar,

ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Lisboa, 2018

Agradecimentos:

Embora esta investigação tenha sido redigida ao longo de um percurso solitário e sinuoso, teria ficado fatalmente incompleta com a ausência de indicações, comentários e correções. O meu maior agradecimento é endereçado ao meu orientador, Professor Carlos Maurício, pela disponibilidade incansável e pela pertinência das suas sugestões, que muito me elucidaram nos momentos em que a indecisão complicou o meu caminho. Um agradecimento muito especial à Professora Luísa Tiago de Oliveira por, na indispensável cadeira de História Oral, me ter concedido a oportunidade decisiva de estudar a interpretação do PCP perante a queda do Muro de Berlim. Agradeço à Professora Maria João Vaz e à Professora Ana Pina pelas indicações sobre os tópicos relacionados com as perguntas de partida, estrutura de pesquisa, tipologia das fontes a privilegiar, entre outros assuntos que fosse do meu interesse ver esclarecidos.

Agradeço a Albano Nunes pela amabilidade e honestidade com que me recebeu na Soeiro Pereira Gomes. A coerência das suas convicções e a sua transparência intelectual impulsionaram decisivamente o meu interesse pela história do comunismo. Também agradeço a Rúben de Carvalho pelos esclarecimentos claros e concisos sobre a relação do comunismo português com a República Democrática da Alemanha.

O humor requintado e o conhecimento de Raimundo Narciso sobre o impacto da desagregação do bloco comunista no PCP conjugaram ensinamentos heurísticos muito vantajosos.

Agradeço calorosamente à Professora Fátima Sá e Melo Ferreira pelas palavras inesquecíveis nos momentos decisivos que antecederam a investigação.

Agradeço à minha amiga Rita Amaral pelo seu companheirismo incansável em todos os momentos da minha vida desde a hora decisivamente feliz e crucial em que nos conhecemos.

À minha mãe, pela compreensão com que conviveu com a minha ausência, pelo carinho que inesgotavelmente me disponibiliza e por nunca ter desistido de mim, dedico esta dissertação de mestrado.

Resumo: o desmoronamento da União Soviética assinala a derrota da ideologia que se propôs como uma alternativa mais competente e justa do que o capitalismo. O desfecho da governação de Mikhail Gorbachev tornou comumente aceite a ideia que encara o comunismo como um projeto político falhado e inexecutável. As proporções do fracasso transcorrido entre 1989 e 1991 destroçou e levou ao desaparecimento dos partidos comunistas mais influentes e poderosos da Europa. Todavia, o Partido Comunista Português resistiu ao abismo e manteve a integridade política e até ideológica. Embora subtraído do país que inspirou a sua fundação, o PCP reuniu forças e a convicção suficiente para sobreviver ao trauma de 1989-1991, mantendo-se como o representante histórico de uma ampla parcela da sociedade portuguesa. Este estudo começa por examinar a postura política do comunismo português em resposta à implementação e aos sucessivos resultados do ímpeto de Mikhail Gorbachev, até à extinção formal da União Soviética, em 25 de dezembro de 1991. Numa segunda fase, é analisada a interpretação histórica do PCP sobre a perestroika, a glasnost e a sua respetiva relação com a implosão da URSS.

Palavras-chave: Perestroika; Gorbachev; PCP; URSS; Muro de Berlim

Abstract: The collapse of the Soviet Union marks the defeat of an ideology which has been proposed as a more competent and just alternative than capitalism. With the outcome of the government of Mikhail Gorbachev it became a commonly accepted idea that communism was a failed and unworkable political project. The proportions of its failure between 1989 and 1991 have destroyed and led to the disappearance of the most influential and powerful Communist parties in Europe. However, the Portuguese Communist Party resisted to the abyss and maintained political and even ideological integrity. Although removed from the reference that inspired its founding, the PCP gathered the strength and conviction to survive the trauma of 1989-1991, maintaining itself as the historical representative of a large part of Portuguese society. This study begins by examining the political stance of Portuguese Communism in response to the implementation and successive results of the reformist impetus introduced by Mikhail Gorbachev until the formal extinction of the Soviet Union on December 25, 1991. In a second phase, the historical interpretation of the PCP on perestroika, glasnost and their relationship with the implosion of the USSR will be analyzed.

Keyword: Perestroika; Gorbachev; Portuguese Communist Party; USSR; Berlin Wall

Índice geral:

Introdução.....	7
Capítulo I - A União Soviética e o PCP no contexto teórico mais vasto.....	11
Capítulo II - O PCP perante a <i>perestroika</i> e a desagregação do socialismo real na Euro-Ásia (1985-1991).....	21
Capítulo III - O PCP perante a <i>perestroika</i> e a desagregação do socialismo real na Euro-Ásia (1992-2007).....	51
3.1 - Interpretação do PCP sobre a desagregação do socialismo real.....	51
3.2 – Um olhar mais crítico sobre a <i>perestroika</i>	54
3.3 – «O Caso Zita Seabra».....	57
3.4 – De novo a questão alemã.....	59
3.5 - «Duras realidades a Leste».....	62
3.6 - «O imperialismo contra-ataca».....	67
3.7 - «O Comunismo não morreu!».....	69
Conclusões.....	71
Bibliografia.....	77
Fontes.....	79

Introdução:

A II Guerra Mundial é o acontecimento central do século XX. A violência ímpar do conflito ceifou a vida a aproximadamente cinquenta milhões de pessoas e reconfigurou o modo de vida, a geografia e o sistema político europeu. 1945 inaugura um novo capítulo na história das Relações Internacionais: o belicismo militante, a retórica inflamada de teor racial e o protecionismo económico advogados pelos totalitarismos triunfantes no Velho Continente durante a década de 1930, foram substituídos por uma era de cooperação internacional entre as potências unidas por um sistema social e político idêntico. O ciclo pós-II Guerra Mundial retira o protagonismo planetário à Europa, que se transforma no primeiro palco da batalha ideológica entre as duas superpotências resultantes do conflito: os Estados Unidos da América e a União Soviética. Serão as dinâmicas dessa nova Guerra Fria disputada entre os dois novos árbitros supranacionais que irão influenciar os destinos do mundo até ao final do «breve século XX»¹ que, como delimitou Eric Hobsbawm, terminou em 1991 com a implosão da capital do comunismo internacional.

A análise historiográfica² e a leitura política³ da queda do marxismo-leninismo dedicam particular atenção ao debate controverso sobre o papel desempenhado por Mikhail Gorbachev na ocorrência da traumática conjuntura de 1989-1991. A falência da URSS deveu-se mais a fatores de ordem interna ou a pressões internacionais? A ingenuidade e a sedução pelo pragmatismo liberal decidiram a implementação e o conteúdo das reformas da era Gorbachev? Quais eram os objetivos do último líder da União Soviética? São apenas algumas das questões que problematizam a reflexão em torno da derrota da ideologia que governou grande parte da população mundial durante décadas.

Numa entrevista concedida à BBC em 2005, Vladimir Putin considerou a queda da URSS como «a maior catástrofe geopolítica do século XX»⁴. Embora a entoação dramática do presidente russo não persiga a factualidade histórica, mas sim evidenciar o nacionalismo indissociável das populações que se subtraíram à esfera de influência da Federação Russa, a queda do Muro de Berlim e a desintegração do bloco soviético tiveram consequências

¹ HOBBSAWM, Eric; (2014); *A Era dos Extremos*; Lisboa; Editorial Presença.

² NJØLSTAD, Olav *Et al.* (2005); *The Last Decade of The Cold War: From Conflict Escalation to Conflict Transformation*; Taylor & Francis Group.

³ OLIVEIRA, Pedro Aires (coord.); (2011); *O fim da URSS, a nova Rússia e a Crise das Esquerdas*; Lisboa; Fundação Mário Soares e Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa.

⁴ «Putin deplores collapse of USSR; BBC;25 de abril de 2005: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/4480745.stm>

geoestratégicas, culturais, políticas e económicas marcantes que são responsáveis pela conjuntura do primeiro quartel do século XXI. A encruzilhada que ameaça a continuidade da União Europeia, os custos associados ao ponto de viragem aparentemente sem retorno da Europa de Leste rumo a uma economia de mercado e o triunfo do fenómeno da globalização como consequência direta do fim do sistema bipolar são alguns dos desafios mais exigentes do nosso tempo, que cunham a sua certidão de nascimento nas ruínas do império soviético.

Outra consequência igualmente marcante do desaparecimento da União Soviética consiste no efeito devastador aplicado aos baluartes internacionais do «socialismo realmente existente». O sentimento de orfandade política que se seguiu, mutilou os vários partidos comunistas da sua identidade ideológica, arremessando-os em grande parte para o mesmo caixote do lixo da História em que se encontra a pátria do marxismo-leninismo. Como veremos no primeiro capítulo, alguns decanos da história do comunismo estudam aquele tópico segundo um ângulo de visão que privilegia exclusivamente as células socialistas que atuavam em solo soviético. O meu objetivo é apetrechar essa tendência dominante na historiografia dedicada ao percurso soviético durante os últimos anos da Guerra Fria com uma análise do caso português.

A presente investigação será dedicada ao estudo das mudanças ocorridas num dos produtos da revolução fundadora da União Soviética: o Partido Comunista Português. Desde o triunfo da facção que defendia a «bolchevização» do partido, que este se empenhou no reforço da construção e da consolidação de uma verdadeira “irmandade” com a URSS. O princípio definidor da orientação política alinhada com os valores soviéticos, a que devemos adicionar a sedução ideológica dependente do prestígio internacional de Moscovo, sofreram um golpe rude com a desagregação do socialismo na Europa de Leste e a falência posterior da vernácula do socialismo soviético. Contudo, o PCP encontra-se entre os poucos sobreviventes políticos do maremoto de destroços do antigo mundo comunista. Embora tenha uma aptidão preferencial pela posição de contrapoder, o comunismo português continua a destacar-se no espetro político nacional e é detentor de uma base social ampla e de uma expressão eleitoral que o coloca bem acima da maior parte dos seus congéneres europeus que ainda se reclamam do marxismo-leninismo.

Quais são as ligações históricas que unem o PCP à União Soviética? Quais os efeitos da conjuntura de 1989-1991 sobre o PCP? Qual tem sido a reação interna e externa do partido aos acontecimentos que marcam o fim do século XX? Qual é a postura assumida junto dos militantes? Qual é a leitura política imediata e a interpretação histórica posterior do partido perante o filme cronológico iniciado pela eleição de Gorbachev e finalizado pelo desmantelamento do comunismo na Europa e da URSS?

A estratégia de resposta às questões acima referenciadas materializou-se numa estrutura com três capítulos: **1º)** o primeiro dedicado à revisão da literatura que se debruçou sobre o comunismo em geral, e os últimos anos da Guerra Fria em particular. Essa análise bibliográfica privilegia a medição dos assuntos mais destacados na historiografia sobre os últimos anos da União Soviética e o respetivo contexto internacional em que esse período histórico se insere. Essa descrição será paralela à definição das ligações históricas entre o PCP e a URSS. **2º)** O segundo capítulo descreve a evolução ocorrida no posicionamento assumido pelo Partido Comunista Português ante as medidas reformistas implementadas pelo governo de Mikhail Gorbachev na União Soviética. Verificaram-se alterações na interpretação desenhada pelo PCP perante a perestroika e a glasnost? Se sim, quais as mudanças? Foram significativas? Que agentes explicam essas mudanças? **3º)** A terceira etapa da investigação analisa a aceção posterior do PCP em resposta à conjuntura que encerra o trajeto político do século XX, e qual a ligação entre essa perspectiva, a sobrevivência e a reorganização ideológica do partido. **4º)** As conclusões encerram a dissertação.

CAP.1 - A União Soviética e o PCP no contexto teórico mais vasto:

A distância que separa 1996 do ano de 2018 não esgota a validade da pertinência incontornável de *A Era dos Extremos: 1914-1991*, da autoria de Eric Hobsbawm. Esta monografia, juntamente com *A Era das Revoluções: 1789-1848* e *A Era do Capital 1848-1875*, consagrou o autor como uma referência da historiografia contemporânea. Em *A Era dos Extremos*, Hobsbawm sumariza os capítulos políticos, culturais, sociais, económicos e militares mais importantes do «breve século XX» desde o início da I Guerra Mundial, em 1914, até ao colapso da União Soviética, em 1991. O último capítulo antevê os desafios do novo milénio.

Hobsbawm delinea uma divisão tripartida do século XX: a «Era da Catástrofe», que se inicia em 1914 com o primeiro embate entre o Homem e o potencial assassino das tecnologias militares em desenvolvimento, e estende-se até pouco depois de 1945, em que as cinzas da II Guerra Mundial dão lugar a um novo sistema internacional incompatível com a presença territorial efetiva dos impérios europeus. Segundo Hobsbawm, essa época

«foi abalada por duas guerras mundiais, seguidas por duas ondas de rebelião e revolução globais que levaram ao poder um sistema que se dizia a alternativa historicamente predestinada para a sociedade capitalista e burguesa e que foi adoptado, primeiro, num sexto da superfície da Terra, e, após a Segunda Guerra Mundial, por um terço da população do globo. (...) Mais ainda: uma crise económica mundial de profundidade sem precedentes pôs de joelhos até mesmo as economias capitalistas mais fortes e pareceu inverter a criação de uma economia mundial única»⁵. Segue-se a «Era do Ouro», que o autor define como um período de «transformação económica, social e cultural decorrente, a maior, mais rápida e mais fundamental da história registada».⁶

O que mais impressiona o autor na época precursora ao ano de 1945 é a sobrevivência e a recuperação inesperadas do capitalismo rumo à prosperidade económica sem precedentes, a que se junta uma total transfiguração das sociedades contemporâneas, com responsabilidade direta nos acontecimentos que perfazem a terceira parcela do século XX: «A Derrocada», que Hobsbawm sintetiza assim: «A história dos vinte anos após

⁵ HOBBSAWM, Eric; (2014); *A Era dos Extremos*; Lisboa; Editorial Presença; p. 18-19.

⁶ HOBBSAWM, Eric; (2014); *A Era dos Extremos*; Lisboa; Editorial Presença; p. 20.

1973 é a de um mundo que perdeu as suas referências e resvalou para a instabilidade e para a crise»⁷.

Ao longo da narrativa de *A Era dos Extremos*, a União Soviética é apresentada como um Estado fundado em nome da utopia marxista-leninista, e que inspirou pessoas e partidos políticos a combaterem por princípios prometedores de maior justiça social e que se propunham como a única alternativa credível ao capitalismo. O autor evoca alguns momentos contributivos para a desilusão do «Socialismo realmente existente» e que culminou na derrocada da União Soviética, percecionada por Hobsbawm como o epílogo dramático do século XX, porque inicia um período de incertezas sob a égide da unipolaridade norte-americana por oposição à Rússia menos importante desde Pedro O Grande⁸.

A previsão de Eric Hobsbawm sobre a derrota do comunismo e a sua insignificância no novo milénio subestima a reformulação identitária efetuada pelos produtos políticos da revolução bolchevique que sobreviveram à implosão do bloco soviético. Entre eles, encontra-se o Partido Comunista Português, cuja ortodoxia e religião secular afeta ao marxismo – que o afastaram de qualquer alternativa ao modelo soviético, como se verificou nas críticas apontadas ao Partido Comunista Chinês durante o cisma sino-soviético e na rejeição total do eurocomunismo – não foram suficientes para a junção do comunismo português aos destroços da URSS. As contradições e a instabilidade da era Gorbachev serão suficientes para que, numa raríssima ocasião desde 1921, os comunistas portugueses entrem em discordância frontal com Moscovo, acusando o líder soviético de “trair” o comunismo internacional. À semelhança das intenções de Gorbachev, a oposição do PCP assumirá vários estágios evolutivos, que acompanham a crescente “gravidade” dos acontecimentos, segundo a lógica marxista, em curso na Europa de Leste e no núcleo da União Soviética.

Numa das passagens da sua monumental história⁹ do comunismo, David Priestland cita o testemunho de Aleksandr Tsipko, consultor ideológico recém-nomeado por Gorbachev, sobre o anticomunismo em Moscovo no ano de 1986:

⁷ HOBBSAWM, Eric; (2014); *A Era dos Extremos*; Lisboa; Editorial Presença; p. 395.

⁸ HOBBSAWM, Eric; (2014); *A Era dos Extremos*; Lisboa; Editorial Presença; p. 543.

⁹ PRIESTLAND, David; (2013); *A Bandeira Vermelha: História do Comunismo*; Lisboa; Texto Editores.

«Os jornalistas franceses que escreveram no início da perestroika que o terreno fértil da contrarrevolução na URSS era o quartel-general do comunismo, o Comité Central do PCUS, tinham razão. Na altura, eu trabalhava como consultor do Departamento Internacional do Comité Central do PCUS e descobri, com surpresa, que o estado de espírito entre os níveis hierárquicos mais elevados dessa organização não diferia de todo do existente na Academia das Ciências ou nos institutos de humanidades [...]. Era óbvio que só um perfeito hipócrita podia acreditar na supremacia do socialismo sobre o capitalismo. Era também claro que a experiência socialista fora derrotada.»¹⁰.

As declarações de Tsipko demonstram, segundo Priestland, a substituição do nacionalismo comunista por uma atmosfera liberal mais próxima da social-democracia¹¹. A conjuntura política desfavorável ao comunismo soviético já vinha em crescendo desde 1968, com a intervenção militar do Exército Vermelho em Praga no âmbito da doutrina da «soberania limitada» de Leonid Brezhnev. Georgi Shakhnazarov e Vadim Zagladin, futuros conselheiros de Mikhail Gorbachev, apercebem-se que «a URSS estava a perder a sua força moral no mundo»¹². Estão assim reunidas as condições para a eleição de um líder contrastante com a gerontocracia incapaz de reverter a estagnação económica e o atraso tecnológico ameaçadores do colapso da cada vez mais enfraquecida União Soviética.

No dia 11 de março de 1985, Mikhail Gorbachev torna-se no sétimo líder da URSS. O ímpeto reformista do novo homem-forte soviético animou as hostes conotadas com a ortodoxia marxista. A reação inicial do Partido Comunista Português foi de apoio a um político que augurava a introdução de reformas que permitissem à ideologia comunista regressar revitalizada para a arena de combate contra o capitalismo.

David Priestland equaciona Gorbachev como o «homem que destruiu o Partido Comunista Soviético»¹³ e o balanço que faz da sua governação é o seguinte: «decorridos quatro anos de mandato de Gorbachev, o Muro de Berlim caíra; decorridos seis, já não

¹⁰ PRIESTLAND, David; (2013); *A Bandeira Vermelha: História do Comunismo*; Lisboa; Texto Editores; p. 611

¹¹ PRIESTLAND, David; (2013); *A Bandeira Vermelha: História do Comunismo*; Lisboa; Texto Editores; p. 611.

¹² PRIESTLAND, David; (2013); *A Bandeira Vermelha: História do Comunismo*; Lisboa; Texto Editores; p. 611.

¹³ PRIESTLAND, David; (2013); *A Bandeira Vermelha: História do Comunismo*; Lisboa; Texto Editores; p. 630.

havia URSS»¹⁴. Segundo o autor, as intenções iniciais do chefe do PCUS iam ao encontro de baluartes soviéticos como o PCP: a desburocratização do regime; substituição estrutural do motor moribundo da economia soviética; estabilização e recuperação do controlo sobre os satélites europeus. Mas, as reformas da perestroika (reestruturação) e da glasnost (transparência) abalaram fatalmente os alicerces dos enfraquecidos regimes comunistas da Europa de Leste, circunstância que o líder soviético não previu, mas que também não envidou muitos esforços para evitar.

Em a *História da União Soviética*, Peter Kenez retira uma conclusão semelhante à de Priestland sobre a intenção inicial das políticas de Mikhail Gorbachev: «O secretário-geral recém-eleito, Gorbachev, talvez se imaginasse um Alexandre II, o czar libertador, que com uma série de reformas transformou o sistema czarista, dando-lhe talvez mais cinquenta anos de vida.»¹⁵. Kenez privilegia os paradoxos do sistema soviético como principais condutores da evolução letal das reformas que destruíram a URSS:

«A equipa de Gorbachev sentia-se dividida: por um lado, percebia cada vez melhor a gravidade dos problemas que a sociedade enfrentava, e por isso a inevitabilidade da mudança, mas por outro, continuava a acreditar na superioridade do seu sistema político e social. Consequentemente, procurava um meio-termo: queria preservar uma economia planificada e nacionalizada, mas conjugá-la com as vantagens do mercado»¹⁶.

O principal paradoxo apresentado por Kenez diz respeito à simbolização de «Gorby» – como era carinhosamente saudado no Ocidente – como «o chefe de uma potência ocupante [que] passou a representar a liberdade»¹⁷. O PCP e os restantes apoiantes do «socialismo real» observaram a prestação de Gorbachev, primeiro com uma desconfiança crescente, e depois com uma postura crítica perante a desintegração do sistema soviético – interpretada como o resultado de alguma ingenuidade pueril que dificultou a compreensão das verdadeiras intenções da administração norte-americana.

Estabelecendo uma ponte de diálogo entre a arquitetura ideológica do PCUS e os ideais defendidos pelos militantes destacados do comunismo português durante o século XX, concluímos que uma das bases orgânicas do PCP era a fidelidade incondicional à União

¹⁴ PRIESTLAND, David; (2013); *A Bandeira Vermelha: História do Comunismo*; Lisboa; Texto Editores; p. 630.

¹⁵ KENEZ, Peter; (2015); *História da União Soviética*; Lisboa; Edições70; p. 322.

¹⁶ KENEZ, Peter; (2015); *História da União Soviética*; Lisboa; Edições70; p. 337.

¹⁷ KENEZ, Peter; (2015); *História da União Soviética*; Lisboa; Edições70; p. 342.

Soviética. Em *História do PCP Das origens ao 25 de abril (1921-1974)*, João Madeira refere que a maior parte dos membros destacados do partido, de Bento Gonçalves a Álvaro Cunhal, defenderam pertinazmente a «bolchevização» e condenaram os céticos que duvidaram do poder detido pelo centro do comunismo internacional. Tal como os seus homólogos europeus e norte-americano, o PCP recebeu apoio financeiro e logístico através do «Fundo de Assistência aos Partidos Comunistas e Movimentos de Esquerda», pertencente ao Cominform soviético. José Pacheco Pereira, no capítulo da sua biografia de Álvaro Cunhal referente à chegada do dirigente comunista à URSS após a célebre fuga da cadeia de Peniche, esclarece a questão:

«Cunhal é recebido mal chega à URSS no CC do PCUS por Suslov e Kuusinen, dois dos mais importantes membros do Secretariado e do Presidium, assim como por Ponomarev, membro do CC, (...) Embora não se conheçam pormenores deste encontro, para além do seu carácter protocolar e celebratório, é provável que algumas propostas imediatas de ajuda ao PCP tivessem sido discutidas. A colaboração entre os dois partidos intensifica-se, assim como o apoio do PCUS ao PCP, traduzido num incremento de ajuda financeira, que cresce de 35 000 dólares em 1959 para 60 000 dólares em 1962, (...) Esse apoio era complementado pela ajuda “internacionalista” dos partidos checo, romeno, francês e italiano.»¹⁸.

Foi durante a época de Estaline que as ligações entre o PCP e a URSS se revelaram mais enfraquecidas, paradoxo que esbarra na importância primordial que o estalinismo assumiu na identidade do PCP, que se serviu do vocábulo «estalinista» para designar os «antifascistas» do partido, em meados do século XX. O enfraquecimento da solidariedade soviética durante esse período foi transversal a todos os bastiões do comunismo internacional. O sucessor do manto de Lenine defendia a doutrina do «socialismo num só país» em detrimento do internacionalismo revolucionário advogado pelo rival Trotsky. Fiel a essa convicção, o *Vozhd* construiu o socialismo no interior da União Soviética, ignorando as duras condições enfrentadas pelos seus camaradas além-fronteiras em nome do marxismo-leninismo. O desinteresse do velho ditador pela projeção internacional do bolchevismo é sintomático na dissolução da Internacional Comunista durante a II Guerra Mundial, apenas com o intuito de beneficiar as relações diplomáticas com os Aliados, que Estaline sabia serem temporários. As linhas de orientação da política externa estalinista

¹⁸ PEREIRA, José Pacheco; (2015); *Álvaro Cunhal, uma biografia política: O Secretário-Geral*; Lisboa; Temas e Debates; p. 126-127.

atingiram o PCP com severidade no pós-guerra. A derrota do fascismo adivinhava a insustentabilidade da ditadura portuguesa, cujo regime assentava em alguns valores partilhados pelas antigas potências do Eixo. Todavia, o que se seguiu foi o endurecimento do aparelho repressivo do regime – que enfraqueceu o PCP, sobretudo através de prisões sumárias, incluindo a detenção de Álvaro Cunhal e Militão Ribeiro – acompanhado de uma integração inesperadamente bem-sucedida do Estado Novo na nova ordem internacional comandada pelas dinâmicas da Guerra Fria. A longa travessia no deserto que o comunismo português teve de percorrer nos anos subsequentes a 1945 agravou-se com o XX Congresso do Partido Comunista Soviético. O discurso de Nikita Krushchev, o sucessor improvável de Estaline, no XX Congresso do PC da União Soviética, em fevereiro de 1956, provocou um terremoto político cujos danos em todo o bloco comunista se viriam a revelar irreversíveis. A denúncia de alguns crimes do estalinismo e a sua respetiva associação ao culto de personalidade aplicado ao ditador soviético, deitou por terra a uniformidade ideológica do comunismo internacional. A tensão social na Europa de Leste, nesta altura liderada por «pequenos Estalines»¹⁹, intensificou-se, com a Hungria a ser intervencionada em outubro do mesmo ano pelo poderio militar do Exército Vermelho, que colocou um fim sangrento ao «Desvio de Direita» apontado aos críticos do sistema soviético.

O órgão de comunicação oficial do Partido Comunista Português, o *Avante!*, demorou três meses para apresentar uma análise ao XX Congresso do PCUS:

«Nesse artigo ressaltam-se quatro aspectos fundamentais. Em primeiro lugar, a ideia de coexistência pacífica erigida como princípio leninista, que tem estruturado toda a política externa soviética, regulando no interesse dos povos as relações entre países com sistemas políticos diferentes. Em segundo, a ideia de que é possível impedir um novo grande conflito militar internacional. (...) terceiro aspeto que reside no reconhecimento de que não há um modelo único quanto à forma de transição para o socialismo. (...) Finalmente, em quarto lugar o artigo sublinha a atenção dada pelo congresso ao combate ao culto de personalidade (...) acrescentava os graves danos que o culto da personalidade protagonizado por Staline havia provocado ao partido soviético quer no trabalho ideológico, quer no seu funcionamento interno, que teriam sido precisamente

¹⁹ Expressão cunhada por Anne Applebaum para designar os novos líderes políticos da Europa de Leste após o final da II Guerra Mundial.

restabelecidos nos três anos que separavam a morte de Estaline da realização do congresso»²⁰.

A análise de João Madeira evidencia o desconforto dos comunistas portugueses perante o XX Congresso do PCUS. Descrevem a nova orientação política de Moscovo e defendem o «mérito» de Estaline no progresso do marxismo-leninismo. Por fim, são reconhecidos os «excessos» decorrentes de um culto de personalidade «exagerado», mas esses «erros» são apresentados como um processo de aprendizagem rumo ao aperfeiçoamento do sistema comunista, e que reforça a imagem da União Soviética como o «farol seguro da Paz e da verdade num meio de todo um mar tempestuoso de intensivos preparativos guerreiros, da exploração e da opressão, de calúnias e de mentiras dos imperialistas»²¹.

A irmandade comunista entre o PCP e a URSS renovou a sua vitalidade após a nomeação de Leonid Brezhnev como novo secretário-geral do PCUS. Brezhnev interrompeu as reformas aplicadas por Krushchev – cujo afastamento beneficiou o capital político de Cunhal, que criticava timidamente a atitude do ucraniano perante a história recente da URSS – e ressuscitou parcialmente o pensamento estalinista. Dos novos – velhos – princípios, destaco a doutrina da «soberania limitada», que exigia aos satélites soviéticos que governassem novamente à imagem e semelhança de Moscovo, sem nenhuma transigência para com os que duvidassem da superioridade do modelo soviético. A regra da «doutrina limitada» verificou a sua forma mais dramática em 1968 com a invasão da Checoslováquia pelos exércitos do Pacto de Varsóvia para pôr fim à Primavera de Praga. Esta agressão militar degenerou em profunda consternação e ceticismo no bloco comunista. Entre os desiludidos e os cétricos não se encontrava o líder do PCP, que reagiu assim:

«É completamente justa a afirmação do PCUS (...) que a situação na Checoslováquia e a sorte do socialismo na Checoslováquia não são apenas uma questão respeitante ao Partido Comunista da Checoslováquia e ao povo da Checoslováquia, mas uma questão respeitante a todo o campo socialista, aos interesses, à conquista e à defesa do campo socialista no seu conjunto. A possível vitória da contra-revolução na Checoslováquia mudaria completamente o quadro político europeu (e até mundial), provocaria uma

²⁰ MADEIRA, João; (2013); *História do PCP*; Lisboa; Edições Tinta-da-china; p. 233-234.

²¹ MADEIRA, João (2013); *História do PCP*; Lisboa; Edições Tinta-da-china; p. 187.

mudança de correlação de forças, seria uma ameaça imediata e grave para a comunidade socialista e para a paz na Europa e no Mundo.»²².

João Madeira refere que «em contrapartida, os soviéticos foram sempre compreensivos em relação à estratégia do PCP para o derrube do regime, valorizando a sua acção e solidarizando-se activamente.»²³.

Para o reforço da irmandade comunista entre o PCP e a URSS também contribuíram as críticas contundentes do partido ao colonialismo português, que acusavam de ser o resultado da «política americana» de Salazar que traía os interesses nacionais em prol da vontade dos «imperialistas» do bloco capitalista. A postura crítica do PCP contra o império português em África coincidia com os interesses geoestratégicos da União Soviética, que reconheceu os comunistas portugueses como «embaixadores» do PCUS junto dos movimentos independentistas africanos. Em caso de vitória, Moscovo teria uma excelente oportunidade de estender a esfera de influência soviética, desequilibrando favoravelmente o xadrez político da Guerra Fria.

Na nota introdutória que escreve ao terceiro volume da biografia política de Álvaro Cunhal, José Pacheco Pereira refere que «o biografado associou como poucos a sua vida pessoal com a história do comunismo português. Não há na sua vida adulta uma frase que tenha escrito, um desenho que tenha feito, um acto que tenha sido responsável que não tivessem como interlocutor privilegiado o PCP.»²⁴. O contrário também é verdade. A história do Partido Comunista Português durante o século XX não pode ser compreendida sem a figura de Álvaro Cunhal, cujo pensamento político transpirou totalmente para a estrutura ideológica do partido que acompanhou a sua vida.

A obra de Pacheco Pereira desenvolve o percurso de Álvaro Cunhal em concomitância com o impacto que a sua ausência, no âmbito das detenções e exílio perpetrados pela perseguição da polícia política do salazarismo, provocou no PCP. A análise do autor à biografia de Cunhal, da autoria de Júlio Fogaça, destaca o seguidismo do dirigente máximo do comunismo português aos «cânones escritos da ortodoxia partidária. Ele é o *«fiel discípulo de Lenine e Staline»*, actuando com *«fidelidade absoluta aos princípios do*

²² PEREIRA, José Pacheco; (2015); *Álvaro Cunhal, uma biografia política: O Secretário-Geral*; Lisboa; Temas e Debates; p. 428.

²³ MADEIRA, João (2013); *História do PCP*; Lisboa; Edições Tinta-da-china; p. 532.

²⁴ PEREIRA, José Pacheco; (2015); *Álvaro Cunhal, uma biografia política: O Prsioneiro*; Lisboa; Temas e Debates; XI.

marxismo-leninismo-stalinismo», mostrando uma «*ilimitada fidelidade*» ao internacionalismo proletário e um «*amor, respeito e amizade pela gloriosa União Soviética fundido*», com «*o mais ardente patriotismo*»²⁵.

As conclusões que retiro da análise à investigação de Pacheco Pereira são semelhantes: a irmandade comunista que uniu o Partido Comunista Português ao Partido Comunista da União Soviética tem como principal elo de ligação Álvaro Cunhal. O dirigente representa o expoente máximo da facção interna do PCP que apoiou e garantiu a «bolchevização» do partido. Mesmo durante os problemáticos anos da Era Krushchev, este procurou promover uma estratégia de cooperação e harmonia com a pátria do marxismo-leninismo. O único líder soviético que teve a oposição direta e a crítica declarada de Álvaro Cunhal foi precisamente Mikhail Gorbachev. As razões desse desentendimento já foram aqui introduzidas, mas serão aprofundadas no próximo capítulo.

²⁵ PEREIRA, José Pacheco; (2015); *Álvaro Cunhal, uma biografia política: O Prisioneiro*; Lisboa; Temas e Debates; p. 312.

CAP-2 - O PCP perante a *perestroika* e a desagregação do socialismo real na Euro-Ásia (1985-1991):

A década de 1970 é um período histórico decisivo do século XX. No plano internacional, verificou-se uma aparente estabilidade entre o Ocidente e o bloco comunista. Na verdade, os alicerces do sistema soviético não sofreram abalos comparáveis às conjunturas dramáticas de 1956 e de 1968. Contudo, o aparente cenário de equilíbrio – que muito deveu ao abrandamento das dinâmicas inerentes à Guerra Fria – camuflou uma das transformações sociais, culturais e políticas mais complexas e marcantes da história contemporânea. No mundo comunista, progredia a «era da estagnação»²⁶ comandada por Leonid Brezhnev, cuja reabilitação interna do pensamento estalinista não coincidiu com a predisposição para a cooperação com as democracias ocidentais e que resultaram na anuência soviética ao Acordo de Helsínquia sobre Segurança e Cooperação na Europa, assinado em 1975, mas com conversações iniciadas três anos antes.

Segundo Archie Brown, o objetivo pretendido pela União Soviética na conferência de Helsínquia era o «reconhecimento tanto pelos Estados Unidos como pelos países da Europa Ocidental da imutabilidade das fronteiras estabelecidas no final da Segunda Guerra Mundial»²⁷. O que o autor pretende transmitir é o seguinte: com o pretexto de discutir, aperfeiçoar e formalizar os mecanismos de segurança entre as duas superpotências, os soviéticos procuraram adquirir um reconhecimento inequívoco das fronteiras desenhadas após 1945. Assim, a diplomacia soviética esperava obter uma importante vitória. O resultado foi amargo: a esmagadora maioria das potências europeias, com a exceção da Albânia, estiveram presentes na cimeira de Helsínquia e discutiram abertamente a questão dos direitos humanos, assunto incómodo para Moscovo, que ficou exposto às críticas dos seus interlocutores ocidentais e que se repercutiram no âmago do «socialismo realmente existente». Como conclui Tony Judt: «Apanhado na própria armadilha do seu cinismo, Brezhnev e os seus colegas tinham inadvertidamente aberto uma brecha nas suas próprias defesas. Contra todas as expectativas, iria revelar-se mortal.»²⁸.

²⁶ BROWN, Archie; (2010); *Ascensão e Queda do Comunismo*; Alfragide; Publicações Dom Quixote; p. 458.

²⁷ BROWN, Archie; (2010); *Ascensão e Queda do Comunismo*; Alfragide; Publicações Dom Quixote; p. 526.

²⁸ JUDT, Tony; (2014); *Pós-Guerra: História da Europa Desde 1945*; Lisboa; Edições70; p. 571.

O período de *détente* entre os EUA e a URSS tornou o colosso comunista mais permeável à centrifugação das vozes consternadas pela invasão comunista da Checoslováquia em 1968. Essas críticas pertenciam a militantes de alguns partidos Comunistas europeus, dos quais evoco o Partido Comunista italiano e o espanhol, cujos respetivos líderes, Enrico Berlinguer e Santiago Carrilo, publicaram uma declaração conjunta em 12 de julho de 1975:

«nas novas condições criadas pelo progresso positivo da détente internacional era agora tempo de encontrar novas formas de suscitar uma cooperação mais próxima entre todas as forças democráticas para uma política de renovação democrática e socialista da sociedade, e por um resultado positivo da crise agora a afectar os países capitalistas europeus»²⁹.

Assim nasce o eurocomunismo, movimento político efémero que procurou a conciliação entre a ideologia marxista e os valores democráticos. Embora votado ao fracasso, o eurocomunismo pôs em causa a hegemonia dogmática do modelo soviético e desestabilizou a unidade periclitante entre as repúblicas socialistas e com a URSS. Na Península Ibérica, a rivalidade e a rispidez entre o PCP e o PCE adensou-se, através da colisão da ortodoxia do comunismo português com a renovação temporária do comunismo espanhol.

Desde os alvares da Idade Moderna que a Polónia constituiu um farol na Europa de Leste. Para esse estatuto contribuiu o facto de a Coroa Polaca, ser, nos séculos XVI a XVIII, o único Estado independente de língua eslava na Europa, o seu posicionamento geográfico, o potencial económico comparativamente superior aos vizinhos do Leste e a rivalidade geopolítica histórica que opõe Varsóvia a Moscovo. Por conseguinte, a Polónia representou o calcanhar de Aquiles da esfera de influência soviética no Velho Continente após o final da II Guerra Mundial. O nacionalismo polaco – inerentemente russófobo – reforçou-se após a eleição de Karol Wojtyla como papa a 16 de outubro de 1978. O conservadorismo do novo chefe da Igreja católica incluiu a repulsa pelo comunismo, que esteve presente na visita que efetuou ao seu país natal em junho de 1979. Timothy Garton Ash, que nesta altura se encontrava na Polónia, recorda: «Durante nove dias, o estado

²⁹ BROWN, Archie; (2010); *Ascensão e Queda do Comunismo*; Alfragide; Publicações Dom Quixote; p. 531.

deixou virtualmente de existir, excepto como censor a editar a cobertura televisiva. Todos puderam ver que a Polónia não era um país comunista – apenas um estado comunista.»³⁰. A oposição polaca ao comunismo soviético, representada oficialmente pelo movimento político e sindical Solidariedade, considerou que o divino estava a apoiar a sua causa na pessoa do autodenominado João Paulo II.

O último ano da década de 1970 substitui o desanuviamento diplomático soviético-americano pela crescente degradação das relações entre as duas superpotências. A escalada inicia-se com a invasão soviética do Afeganistão, por muitos entendida como o primeiro sinal da futura supremacia internacional de Moscovo. O empreendimento militar acabou por se revelar desastroso e é conhecido como o «Vietname da União Soviética». A retórica incendiária do novo presidente norte-americano, Ronald Reagan, conclui a renovação do clima de Guerra Fria.

Paralelamente aos episódios anteriormente discutidos, agravou-se o atraso tecnológico da URSS, o seu crescente isolamento internacional, a que se somou a aproximação diplomática entre Washington e Pequim, e o turbilhão do nacionalismo multiétnico das comunidades residentes no interior da União Soviética. Foi então que, no apogeu da estagnação da economia soviética aliada a uma gerontocracia incompetente, Mikhail Gorbachev foi eleito secretário-geral do PCUS.

A edição do *Avante!* dedicada a esse assunto limitou-se a reproduzir alguns excertos do primeiro discurso de Gorbachev enquanto líder da capital do comunismo internacional, não deixando de lembrar que «Mikhail Gorbachev esteve em Portugal em 1983, chefiando a delegação do PCUS ao X Congresso do PCP, realizado no Porto.»³¹. De facto, a postura do comunismo português perante a conjuntura de 1985 deve ser observada para além da União Soviética, englobando a lógica fundacional do sistema de Guerra Fria. As notícias na imprensa, boletins informativos, discursos proferidos por membros do Comité Central no âmbito de eventos e visitas de delegações ao estrangeiro serão marcados pela crítica violenta ao que entendem ser o desejo «imperialista» de Washington em desencadear uma guerra com o bloco comunista em prejuízo do futuro da Humanidade.

³⁰ BROWN, Archie; (2010); *Ascensão e Queda do Comunismo*; Alfragide; Publicações Dom Quixote; p. 489.

³¹ *Avante!*; Ano 53; Série VII; N585; 14 de março de 1985; pág. 8.

Um dos exemplos mais extremados da postura do PCP ante os EUA no contexto da Guerra Fria é um artigo³² intitulado «Auschwitz e a «guerra das estrelas» Que paralelo?» que compara a *Shoah* às intenções calculadas do reforço do arsenal norte-americano empreendido pela Iniciativa de Defesa Estratégica – conhecida por *Star Wars* – de Ronald Reagan. Como veremos, a crítica violenta do PCP aos EUA no palco da Guerra Fria será imune à desagregação do «socialismo realmente existente», insuficiente para abalar a convicção da ortodoxia soviética daquele partido político português.

O ponto de situação inicial da irmandade comunista entre o PCP e o PCUS de Gorbachev foi de sintonia política e ideológica, traduzindo-se no apoio entusiástico dos comunistas portugueses ao sucessor de Konstantin Chernenko. Essa convergência explica-se pelo empenho de Gorbachev em pôr fim à letargia soviética e colocar o seu país novamente na órbita da hegemonia planetária. O primeiro encontro entre Mikhail Gorbachev e Álvaro Cunhal decorreu num «ambiente de amizade fraterna e solidariedade características das relações entre o PCUS e o PCP»³³. A reunião entre os dois dirigentes comunistas foi dominada pela discussão sobre as reformas estruturadas pelo Politburo soviético com o intuito de reformular a economia e reorganizar o modelo social orientador das populações sob a égide do socialismo. O homem-forte soviético também expôs a Cunhal os preparativos idealizados para o importantíssimo XXVII Congresso do PCUS, agendado para fevereiro do ano seguinte. Em termos internacionais, o diálogo ficou marcado pela «opinião comum do PCUS e do PCP de que a tensão que continua a existir no mundo é provocada pelas perigosas acções dos círculos imperialistas dos EUA e da NATO»³⁴. Álvaro Cunhal aproveitou o momento para elogiar a «dinâmica política externa do PCUS e pelas propostas realistas da União Soviética com o objectivo de refrear a corrida aos armamentos e criar condições favoráveis ao melhoramento da situação internacional.»³⁵.

Gorbachev assumiu as funções a 11 de março de 1985 com uma compreensão evidente dos graves problemas da União Soviética:

«A certa altura – isto tornou-se particularmente claro na segunda metade dos anos 70 – aconteceu qualquer coisa à primeira vista inexplicável. O país começou a perder o impulso. Os falhanços económicos tornaram-se mais frequentes. As dificuldades

³² *Avante!*; Ano 53; Série VII; N579; 31 de janeiro de 1985; pág8.

³³ *Avante!*; Ano 53; Série VII; N606; 8 de agosto de 1985; pág. 3.

³⁴ *Avante!*; Ano53; Série VII; N606; 8 de agosto de 1985; pág. 3

³⁵ *Avante!*; Ano53; Série VII; N606; 8 de agosto de 1985; pág. 3

começaram a acumular-se e a deteriorar-se, enquanto se multiplicavam os problemas não solucionados. Factores do que denominamos por estagnação e outros fenómenos estranhos ao socialismo começaram a surgir na vida e na sociedade.»³⁶

O chefe soviético também tinha consciência de que o único caminho disponível para evitar o colapso do império que agora liderava era a implementação de reformas profundas e com especial incidência sobre os principais pilares do sistema soviético: a economia e a sociedade, não ignorando o célebre problema da pesada burocracia. Nas palavras do próprio:

«A prioridade mais imediata, para a qual olhámos, como é natural, em primeiro lugar, era dar alguma espécie de ordem à economia, apertar a disciplina, evitar o nível de organização e responsabilidade e recuperar nas áreas em que nos encontrávamos atrasados. (...) Claro que a economia tem sido e continua a ser a nossa principal preocupação, mas ao mesmo tempo iniciámos uma modificação na situação moral e psicológica da sociedade. (...) Eram necessárias certas mudanças de pessoal, a todos os níveis. Novas pessoas ocuparam as posições de liderança, pessoas que compreendiam bem a situação e que tinham ideias a respeito do que era preciso fazer e de como fazê-lo.»³⁷

O ligeiro contraste entre as convicções do líder da URSS e a posição inabalável do comunismo português de crença na superioridade ideológica da pátria do socialismo conduzem à ideia de que a desconfiança foi um dos pensamentos que acompanhou Álvaro Cunhal no regresso a Portugal. Por detrás das saudações e dos reconhecimentos mútuos encontrava-se a preocupação com que o dirigente do PCP recebeu as primeiras ideias da era Gorbachev. Esta tese assenta num artigo discreto e evasivo, mas, do nosso ponto de vista, com um destinatário direto: a *perestroika* de Mikhail Gorbachev. Intitulado «Um estádio qualitativamente novo», escreve o *Avante!* que:

As novas metas enunciadas (...) surgem-nos simultaneamente como ambiciosas e naturais (...) Inserem-se na lógica da própria evolução do socialismo rumo ao comunismo, (...) Mas não constituem de forma algumas metas fáceis (...) Para o atingir muito trabalho e esforço é exigido. E também – o que não é menos importante – uma cuidadosa e firme avaliação da realidade objectiva em cada momento (...) Quaisquer

³⁶ GORBACHEV, Mikhail; (1987); *Perestroika: Anos de transformação e de esperança para a URSS e para o mundo*; Mem-Martins; Publicações Europa-América; pág. 27.

³⁷ GORBACHEV, Mikhail; (1987); *Perestroika: Anos de transformação e de esperança para a URSS e para o mundo*; Mem-Martins; Publicações Europa-América; pág. 36-37.

tentativas de pôr o carro adiante dos bois e de implantar os princípios comunistas sem que seja levado em consideração o nível de maturidade material e espiritual da sociedade estão, como prova a experiência, condenadas ao fracasso. Tão pouco são admissíveis quaisquer delongas na implementação de transformações amadurecidas e na resolução de novas tarefas»³⁸.

Em suma, o primeiro ano do consulado de Gorbachev termina com uma convergência assinalável entre o PCUS e o PCP. Porém, essa união assentava num delicado equilíbrio entre expectativas e sinais tímidos de algum desconforto face à realidade que ia adquirindo forma no país dos soviets.

Em janeiro de 1986, Mikhail Gorbachev profere um discurso imortalizado no *Programa para a liquidação total dos armamentos nucleares até ao ano 2000*³⁹ que prevê a extinção dos arsenais nucleares até ao ano 2000. O líder comunista entende que «esta grandiosa conquista da inteligência humana pode converter-se em arma de autodestruição da Humanidade [e que] a energia do átomo deve servir exclusivamente a paz»⁴⁰, isto é, restringir a sua presença ao serviço da vida civil.

Em resposta à questão «Como é que a União Soviética interpreta hoje em dia a questão prática da redução dos armamentos nucleares (...) até à sua liquidação definitiva?»⁴¹, Gorbachev defende que, numa primeira fase, «a União Soviética e os Estados Unidos reduzem para metade, num espaço de 5 a 8 anos, os armamentos nucleares capazes de atingir o território da outra parte»⁴². Segue-se a segunda-fase, onde as «potências nucleares começarão a aderir ao desarmamento nuclear, comprometendo-se inicialmente a congelar todos os seus arsenais nucleares e a não estacionar essas armas em territórios de outros países. A terceira-fase começaria no ano de 1995, o mais tardar, e nela seria completada a liquidação dos restantes armamentos nucleares, não deixando assim lugar na Terra para as armas nucleares até ao fim de 1999.»⁴³.

³⁸ *Avante!*; Ano 53; Série VII; N626; 14 de novembro de 1985; pág. 15.

³⁹ Declaração de Mikhail Gorbachev; *Programa para a liquidação total dos armamentos nucleares até ao ano 2000*; 15 de janeiro de 1986; Biblioteca Nacional de Portugal.

⁴⁰ Declaração de Mikhail Gorbachev; *Programa para a liquidação total dos armamentos nucleares até ao ano 2000*; 15 de janeiro de 1986; Biblioteca Nacional de Portugal; pág. 4.

⁴¹ Declaração de Mikhail Gorbachev; *Programa para a liquidação total dos armamentos nucleares até ao ano 2000*; 15 de janeiro de 1986; Biblioteca Nacional de Portugal; pág. 4.

⁴² Declaração de Mikhail Gorbachev; *Programa para a liquidação total dos armamentos nucleares até ao ano 2000*; 15 de janeiro de 1986; Biblioteca Nacional de Portugal; pág.4.

⁴³ Declaração de Mikhail Gorbachev; *Programa para a liquidação total dos armamentos nucleares até ao ano 2000*; 15 de janeiro de 1986; Biblioteca Nacional de Portugal; pág.5-6.

Em fevereiro de 1986, o *Avante!* publica excertos de uma entrevista concedida por Mikhail Gorbachev ao órgão de comunicação social francês *Lê Humanité* dedicada aos desafios internos e internacionais do bloco comunista e à discussão das estratégias pensadas pelo líder soviético para a revitalização da União Soviética. As respostas do entrevistado destacam-se pela sinceridade e pela divergência discursiva, comparativamente aos seus antecessores desde 1917. O secretário-geral do PCUS começa por efetuar um diagnóstico sobre as transformações profundas em curso na sociedade soviética que, segundo o líder comunista, exigem «o empenhamento de cada vez mais amplas camadas da população, a mobilização das suas faculdades criadoras, a sua experiência, porque as tarefas com que nos defrontamos são cada vez mais complexas. Quer dizer, trata-se de desenvolver e de enriquecer a nossa democracia socialista.»⁴⁴. Por outras palavras, Mikhail Gorbachev está a apelar à intervenção direta do povo soviético na elaboração das reformas profundas e estruturais que pretende impor na URSS com o intuito de «acelerar fortemente a obra iniciada pelo Partido Bolchevique há perto de setenta anos»⁴⁵. Segue-se a discussão sobre o futuro da economia soviética. As declarações de Gorbachev sobre essa matéria deverão ter deixado alguns leitores perplexos: o secretário-geral do PCUS admite a existência de deficiências económicas estruturais no continente socialista e, para o caso de ter restado alguma dúvida sobre a clareza do discurso, enumera-as em seguida:

*«Deparamos com dificuldades objectivas, com uma situação demográfica desfavorável, com uma corrida aos armamentos que nos é imposta entre as principais dificuldades. A estas juntam-se outras dificuldades da nossa própria responsabilidade. O atraso na sua resolução agravou-se.»*⁴⁶.

A franqueza inesperada de Gorbachev em resposta às perguntas alusivas à economia não coincide com o discurso encapotado sobre os controversos anos do estalinismo. Afirma, entre outras coisas: «Estalinismo é um conceito inventado pelos inimigos do comunismo e largamente explorado para denegrir a União Soviética e o socialismo em geral.»⁴⁷. Como referido anteriormente, o comunismo português foi de uma opinião contrária e

⁴⁴ *Avante!*; Ano 53; Série VII; N634; 20 de fevereiro de 1986; pág. 3.

⁴⁵ *Avante!*; Ano 53; Série VII; N634; 20 de fevereiro de 1986; pág. 3.

⁴⁶ *Avante!*; Ano 53; Série VII; N634; 20 de fevereiro de 1986; pág. 3.

⁴⁷ *Avante!*; Ano 53; Série VII; N634; VII; 20 de fevereiro de 1986; pág. 5.

desde os primeiros anos da sua existência que o PCP se apressou a defender o que entende ser o forte de contributo de Estaline para a construção do prestígio soviético.

O XXVII Congresso do PCUS foi um evento crucial da era Gorbachev porque representa o ponto de partida da formalização da estratégia favorável ao desarmamento nuclear, ao debate sobre os problemas estruturais da URSS e a sua respetiva ligação com a *perestroika*. Mikhail Gorbachev recorda-o assim:

«O XXVII Congresso tomou decisões de vulto que são de tremenda importância para o futuro da URSS. Delineou as linhas gerais da tarefa do Partido para implementar o conceito de aceleração do desenvolvimento socioeconómico proposto pela reunião de Abril do Comité Central. Sim, na verdade foi um congresso em que os seus delegados expuseram não só as suas preocupações e verdades, mas também os seus pensamentos, planos e determinação para imprimir um ímpeto novo e poderoso ao desenvolvimento do socialismo. Foi um congresso corajoso. Falámos abertamente dos nossos fracassos, erros e dificuldades. Realçámos o potencial infindável do socialismo e adaptámos um pormenorizado plano de acção a longo prazo. Revelou-se ser um congresso de decisões estratégicas.»⁴⁸.

Os comunistas portugueses acompanharam o XXVII Congresso do Partido Comunista da União Soviética com bastante atenção e entusiasmo. Álvaro Cunhal, que chefiou a delegação do PCP, proferiu um discurso, do qual sublinho as seguintes palavras:

«O XXVII Congresso confirma os incansáveis esforços e a contribuição determinante da União Soviética na defesa da Paz mundial, confirma que a União Soviética continua a ser no mundo a mais poderosa fortaleza da paz. Aqui expressamos o alto apreço dos comunistas portugueses pelas propostas e iniciativas da URSS em prol do desarmamento, do desanuviamento e da coexistência pacífica e saudamos vivamente a apresentação recente, através da declaração do camarada Gorbatchov, do plano visando a completa liquidação das armas nucleares até ao ano 2000.»⁴⁹.

O âmbito em que é enunciado o discurso não permite retirar conclusões rigorosas, visto que seria ingénuo pensar-se que a intervenção de Cunhal na capital do marxismo-leninismo poderia ser diferente. Mas, o cruzamento das afirmações do chefe do PCP com os raciocínios dos militantes do partido – antes, durante e após a realização do XXVII

⁴⁸ GORBACHEV, Mikhail; (1987); *Perestroika: Anos de transformação e de esperança para a URSS e para o mundo*; Mem-Martins; Publicações Europa-América; pág. 73.

⁴⁹ *Avante!*; Ano 53; Série VII; N636; 6 de março de 1986; pág. 3.

Congresso do PCUS – e dos órgãos de comunicação, demonstram a genuína convicção dos elogios declamados. O título de uma das edições do *Avante!* dedicados ao congresso é bastante sugestivo: «XXVII Congresso do PCUS: Oxalá todo o mundo ouça bem esta voz»⁵⁰.

1986 é um ano dramático para a União Soviética por causa da catástrofe na central nuclear ucraniana de Chernobyl, na madrugada de 26 de abril de 1986. O maior desastre tecnológico do século XX radicalizou a convicção do líder soviético contra a presença da energia nuclear, que também passaria a ser rejeitada no plano civil:

*«Abril de 1986 foi para nós uma grande lição: o que um átomo descontrolado é capaz de fazer, mesmo um átomo utilizado para fins pacíficos. Refiro-me à tragédia de Chernobyl. (...) O incidente foi inúmeras vezes discutido no Politburo do Comité Central. Pouco depois de os primeiros escassos relatórios nos terem chegado, concluímos que a situação era grave e nós responsáveis tanto pela avaliação do acidente como pela tomada de medidas acertadas.»*⁵¹.

A conclusão imediata que retiramos da análise ao excerto anterior é a de que a dimensão real da nuvem radioativa, que tornou Chernobyl num problema global, não foi imediatamente denunciada pela URSS, envolta num nevoeiro de desinformação e omissão que afetou inclusive as mais altas esferas do Estado. Uma das consequências estruturais da «lição de Chernobyl» sobre o consulado de Gorbachev é o reforço e a precipitação da *glasnost*, manifestamente incapaz de lidar com a urgência imposta pelo acidente, que expôs animais, plantas e seres humanos a níveis de radiação superiores aos gerados pelas bombas atómicas lançadas sobre Hiroxima e Nagasáqui em conjunto.

A análise do Partido Comunista Português ao acidente de Chernobyl subestimou os efeitos políticos e focou-se em atenuar o impacto causado pelo que considerou ser a «histeria anti-soviética»⁵² suscitada pelo acontecimento. As conclusões do historiador Tony Judt são, porém, diferentes: «a incompetência, a falsidade e o cinismo dos homens responsáveis, tanto pelo desastre como pela tentativa de o esconder, não podiam ser

⁵⁰ *Avante!*; Ano 53; Série VII; N637; 13 de março de 1986; 3º caderno.

⁵¹ GORBACHEV, Mikhail; (1987); *Perestroika: Anos de transformação e de esperança para a URSS e para o mundo*; Mem-Martins; Publicações Europa-América; pág. 260-261.

⁵² Ano 56; Série VII; N648; 28 de maio de 1986; pág.5.

descartados como lamentável perversão dos valores soviéticos: eram valores soviéticos, como o dirigente soviético começou a compreender.»⁵³.

1986 assiste ao reforço da irmandade entre o PCP e o PCUS. O alinhamento institucional e o elogio do comunismo português ao regime soviético são permanentes e intolerantes com as formas de dissidência apoiadas por cada vez mais adeptos cétricos do marxismo-leninismo. A fidelidade incontestável do Partido Comunista Português à capital do socialismo soviético resistiu à desconfiança e ao desconforto partilhado por alguns membros daquele partido relativamente à construção da política social e económica da administração Gorbachev. A análise anteriormente exposta da documentação sobre o PCP evidencia a convivência entre discursos e declarações públicas de apoio ao Senhor do Kremlin, com críticas veladas e encobertas pelas habituais acusações de sabotagem ao Ocidente com o propósito de atenuar o impacto das previsões desconfortáveis sobre o futuro político da União Soviética.

Mikhail Gorbachev protagoniza uma conferência de imprensa no Comité Central do PCUS no início de 1987 em que discute os resultados alcançados até ao momento pela perestroika. A análise do órgão oficial do PCP às palavras do líder soviético surgiu imediatamente a seguir: o desempenho da economia soviética em 1986 é descrito como «globalmente positivo»⁵⁴. Este balanço animador é ofuscado pela frontalidade do diagnóstico seguinte: «muitos problemas (...) a pouca atenção às questões sociais, uma lenta evolução, nalguns sectores, no que respeita ao progresso técnico-científico, ao nível da produção.»⁵⁵. Aos problemas abordados pelo líder soviético – sobressaindo o atraso tecnológico – os comunistas portugueses reagem com otimismo e expectativas elevadas:

«Desta base se parte para um novo ano, considerado ano decisivo do quinquénio, e em que serão accionadas as alavancas do autofinanciamento e da auto - gestão financeira em diferentes sectores, e múltiplas empresas (...) Grandes avanços estão previstos na construção e modernização da produção, nos projectos de construção e nas investigações científicas, na ampla utilização dos novos mecanismos de gestão e de relações económicas.»⁵⁶.

⁵³ JUDT, Tony; (2014); *Pós-Guerra: História da Europa Desde 1945*; Lisboa; Edições70; p.676.

⁵⁴ *Avante!*; Ano 56; Série VII; N680; 8 de janeiro de 1987; pág. 11.

⁵⁵ *Avante!*; Ano 56; Série VII; N680; 8 de janeiro de 1987; pág. 11.

⁵⁶ *Avante!*; Ano 56; Série VII; N680; 8 de janeiro de 1987; pág. 11.

Os comunistas portugueses concluem que Gorbachev é movido pela ambição de superar os obstáculos que dificultam o progresso da perestroika e que o momento da tão prometida e esperada reformulação do socialismo soviético fica agendada para o ano de 1987.

Duas semanas mais tarde, deslocou-se à União Soviética uma delegação do PCP com o intuito de «conhecer diversos aspectos ligados à investigação científica, ensino superior e aplicações de novas tecnologias que se inserem no processo de aprofundamento do desenvolvimento económico em curso na URSS.»⁵⁷. Por outras palavras, aquela delegação comunista procurou confirmar presencialmente a eficácia da vertente da perestroika vocacionada para a resolução do atraso tecnológico estrutural da URSS.

Apesar da simpatia aparente do PCP pelo ímpeto reformista da era Gorbachev, o partido nutre um entusiasmo superior e mais genuíno pela orientação da política externa soviética, marcada pelo apelo à desnuclearização das duas superpotências. O estilo pacificador do secretário-geral do PCUS provocou, nas palavras de *O Militante*, uma «correlação geral de forças crescentemente favorável à causa do socialismo, libertação nacional, democracia e paz»⁵⁸. O restante argumento do PCP aponta a «agressividade dos grupos monopolistas mais extremistas do Imperialismo (...) concentrada na perigosa política militarista, agora estendendo-se ao cosmos, de confrontação à beira do abismo da guerra nuclear, levada a cabo pela Administração Reagan.»⁵⁹. O Partido Comunista Português exaltou a política internacional de Mikhail Gorbachev como símbolo da perestroika e sobrepôs esse tópico – que genuinamente apoiava – ao restante corpo legislativo daquele programa reformista. O discurso repetitivo do PCP, que amalgama a perestroika ao desarmamento nuclear, atenua as fraquezas visíveis e a incapacidade crescente do líder soviético em solucionar os problemas da União Soviética.

A militância da política externa soviética pela paz não impediu a crescente animosidade dos povos da Europa de Leste contra o comunismo e a URSS. As manifestações que proliferaram no bloco socialista e as respetivas reivindicações sociais ficaram corporizadas em grupos políticos organizados, que muito deveram à política de transparência da glasnost, que lhes ofereceu visibilidade social e a possibilidade de serem

⁵⁷ *Avante!*; Ano 56; Série VII; N684; 5 de fevereiro de 1987; pág. 14.

⁵⁸ *O Militante*; N142; março de 1987; pág. 17.

⁵⁹ *O Militante*; N142; março de 1987; pág. 17.

ouvidos. O PCP resumiu o impacto dessas manifestações a uma notícia lacónica baseada numa fonte soviética:

«Segundo a agência «Novosti», realizaram-se (...) três manifestações que reuniram algumas centenas de pessoas nas capitais das Repúblicas Bálticas soviéticas (...) Segundo a «Novosti», as manifestações de Vilnius, Riga e Tallin, que definiu como de «provocação anti-soviética», não tiveram o apoio da população, que reagiu com extrema indiferença às intervenções dos oradores»⁶⁰.

Com indiferença também irá reagir o PCP aos movimentos sociais em curso no continente socialista e nos seus Estados-satélite europeus, não adicionando nenhum comentário ao sucedido. Os comunistas portugueses só voltarão ao assunto em contexto de derrocada iminente.

Em setembro de 1987, Álvaro Cunhal concede uma entrevista à agência russa «Tass». Os assuntos predominantes incidem sobre os resultados da perestroika e sobre o posicionamento do PCP no contexto do movimento comunista internacional. O dirigente comunista começa por afirmar que o PCP irá comemorar as «profundas transformações e realizações políticas económicas, sociais e culturais levadas a cabo pelo poder soviético»⁶¹ com o mesmo entusiasmo com que festeja o septuagésimo aniversário da revolução de outubro e o que entende ser o «avanço do processo revolucionário mundial (...) indissolivelmente ligado à vitória de outubro e às suas repercussões internacionais.»⁶²

A «Tass» questiona Cunhal sobre o impacto da revolução bolchevique e do nascimento da União Soviética sobre a arquitetura do comunismo em Portugal. O chefe do PCP responde assim:

«A revolução de Outubro teve uma importância na formação, no desenvolvimento e na luta do Partido Comunista Português. (...) A Revolução de Outubro, com as experiências dos bolcheviques, teve influência determinante na tomada de consciência dessa necessidade pelos trabalhadores portugueses. A formação do PCP em 1920/21 resultou

⁶⁰ *Avante!*; Ano 57; Série VII; N713; 27 de agosto de 1987; pág. 7.

⁶¹ *Avante!*; Ano 57; Série VII; N715; 10 de setembro de 1987; pág. 6.

⁶² *Avante!*; Ano 57; Série VII; N715; 10 de setembro de 1987; pág. 6.

de um processo que teve como eixo central a informação sobre a Revolução de Outubro e o movimento de entusiasmo, simpatia e apoio que ela gerou.»⁶³.

Cunhal termina com a afirmação de que «Ulteriormente, ao longo dos anos, a luta, os objetivos e a influência do PCP (...) receberam poderoso estímulo com as realizações do povo soviético na construção da nova sociedade.»⁶⁴. Concluímos que a chefia do Partido Comunista Português declara que o partido é um produto político diretamente resultante da conjuntura revolucionária na Rússia de 1917-1921 e da nova entidade política que se lhe seguiu.

A penúltima questão colocada ao dirigente do PCP equaciona uma análise ao resultado das transfigurações sociais e económicas operadas até ao momento pela perestroika. A leitura de Álvaro Cunhal é a seguinte:

«O êxito das transformações que se estão realizando na URSS terá sem qualquer dúvida profundas repercussões internacionais. Significará um novo passo em frente na competição mundial entre o socialismo e o capitalismo. Significará um novo estímulo à luta dos trabalhadores e dos povos em todo o mundo.»⁶⁵.

O comentário do entrevistado reflete o discurso elogioso e de crença por parte dos órgãos de comunicação do PCP e dos próprios militantes em Portugal. Todavia, o dirigente comunista também deixa um aviso muitíssimo claro, que interpretamos como sintoma do desconforto e da incerteza que se foi apoderando paulatinamente das hostes comunistas em Portugal ao longo da era Gorbachev:

«Tal como sucede sempre que se operam grandes viragens políticas, surgem apreciações contraditórias – conservadoras e imobilistas umas, correndo mais que o tempo outras. A verdade é que, se não é acertada a recusa de deitar fora a água suja do banho por receio que o menino vá atrás, também não parece acertado o abandono do cuidado necessário para não deitar fora o menino com a água do banho.»⁶⁶.

O excerto acima descrito demonstra que o apelo do baluarte soviético português à continuação e ao sucesso da perestroika não é total, trazendo nas entrelinhas alguma desconfiança e descrença nas reformas de Gorbachev. Em setembro de 1987 era já

⁶³ *Avante!*; Ano 57; Série VII; N715; 10 de setembro de 1987; pág. 6.

⁶⁴ *Avante!*; Ano 57; Série VII; N715; 10 de setembro de 1987; pág. 6.

⁶⁵ *Avante!*; Ano 57; Série VII; N715; 10 de setembro de 1987; pág. 6.

⁶⁶ *Avante!*; Ano 57; Série VII; N715; 10 de setembro de 1987; pág. 6

evidente que a crescente tensão social na Europa de Leste tornou verosímil a capacidade do ímpeto reformista, pensado para limpar a água suja do socialismo soviético, de afogar o projeto comunista.

Em dezembro de 1987, *O Militante* publica a «Declaração do PCP sobre o acordo URSS-EUA relativo à liquidação dos mísseis nucleares de alcance médio» que mantém as habituais e já referidas convicções do partido sobre a insistência do bloco comunista na manutenção da paz e do afastamento do espectro nuclear por oposição ao interesse do capitalismo em impor a hegemonia planetária por via da força. Essa genuína concordância entre a capital do comunismo internacional e o seu baluarte soviético em Portugal irá manter-se em 1988. Mas vão surgir entraves.

Em janeiro de 1988, teve lugar um debate no Hotel Embaixador, em Lisboa, sobre a situação atual da União Soviética e do bloco comunista. Um dos presentes questionou se, antes da perestroika, havia liberdade na URSS. Olga Dmitrova, jornalista do «Konsomolskaia Pravda» que se encontrava presente no evento, respondeu assim:

«se antes não houvesse transparência, então não haveria sentido para a existência dos órgãos de comunicação social. Existia, só que era muito fechada. Agora essa transparência é quase total, sendo fechada só para os mais altos segredos do Estado»⁶⁷.

Não foi necessário restringir apenas os mais altos segredos do Estado para que o frente-a-frente entre o povo soviético e o seu regime fosse possível. A abertura inédita à liberdade de expressão e a política de maior transparência no debate público outorgadas pela glasnost originou críticas, desejo de mudança e reivindicações sociais que não estavam ao alcance da União Soviética. As soluções do círculo político de Mikhail Gorbachev previam a eliminação dos entraves burocráticos que impediam o progresso da URSS. A discordância frontal entre o PCP e o PCUS do novo líder soviético – até ao momento marcado por críticas sub-reptícias – surgirá, como veremos, mais tarde quando os comunistas portugueses se aperceberem que Gorbachev não conseguiu resolver as contradições do sistema, mas que também não fez muito para impedir a consumação da derrocada do mundo comunista.

⁶⁷ *Avante!*; Ano 57; Série VII; N735; 28 de janeiro de 1988; 3º caderno; pág. 2-3.

Em 11 de janeiro de 1988, Mikhail Gorbachev é entrevistado pela publicação chinesa *Liaowang*. As primeiras questões são direcionadas para a política externa da União Soviética, o campo em que Gorbachev se sente mais seguro e desta vez com uma importante novidade: às habituais atualizações das negociações com Washington com vista à extinção das armas nucleares – que o líder soviético indica estarem a atravessar uma «fase positiva» - acresce o desejo declarado do líder soviético em pôr fim ao cisma sino-soviético e restabelecer o diálogo com o outro colosso comunista. Numa perspetiva interna, as questões vão naturalmente ao encontro da perestroika. Mikhail Gorbachev defende que as mudanças em curso avaliam «o nosso passado [da URSS] a todos os níveis [e tira] lições dele (...) sem dúvida que houve e haverá dificuldades. Muitas delas são fruto das contradições do período inicial da perestroika, com o seu carácter transitório»⁶⁸. Em seguida, o líder soviético equaciona

*«uma nova etapa [onde] teremos de (...) reconstruir de forma condizente as relações entre todos os elos do sistema económico (...) Essas transformações são do interesse de uma massa enorme de pessoas e de praticamente todos os trabalhadores (...) só há um caminho a seguir para realizar o planeado – o da integração directa das amplas massas na direcção, na tomada de decisões e no controlo.»*⁶⁹.

Pouco tempo após ter proferido estas afirmações, Mikhail Gorbachev virá a introduzir uma importante mudança legislativa no universo laboral soviético, a «Lei da Empresa Estatal», cujo acompanhamento o PCP irá fazer atentamente.

Segundo o *Avante!*, a «Lei da Empresa Estatal», que surge ao abrigo da perestroika, define «o direito de resolver as questões e problemas mais importantes da empresa, responsabilizando-se simultaneamente pelos resultados económicos do seu trabalho.»⁷⁰. Para Mikhail Gorbachev:

«o projecto de lei atraiu o interesse da nação inteira. As pessoas sentiam que a sua opinião era necessária. Um grupo especial de funcionários do Governo, cientistas e representantes de várias instituições do Estado consideraram as propostas submetidas,

⁶⁸ *Avante!*; Ano 57; Série VII; N733; 14 de janeiro de 1988; pág. 14.

⁶⁹ *Avante!*; Ano 57; Série VII; N733; 14 de janeiro de 1988; pág. 14.

⁷⁰ *Avante!*; Ano 57; Série VII; N734; 21 de janeiro de 1988; pág. 13.

*as emendas e os aditamentos. Tudo o que era racional e razoável foi nele incluído, melhorando-o razoavelmente».*⁷¹

O órgão de comunicação oficial do Partido Comunista Português realizou uma análise à primeira fase da perestroika, cujo encerramento é simbolizado pela nova lei laboral:

*«O balanço desta primeira fase, em termos estatísticos, é positivo (...) os níveis de produtividade do trabalho na URSS aumentaram 30 por cento na indústria, 60 por cento na construção civil e 180 por cento na agricultura. As estatísticas indicam também que a fase de estagnação relativa foi superada».*⁷²

Concluimos que a opinião dos comunistas portugueses se restringe a «termos estatísticos» e se esquiva a uma análise política sobre as consequências estruturais da participação inédita dos trabalhadores soviéticos na discussão dos mais variados aspetos relacionados com as práticas laborais, promovendo o conhecimento e o contacto direto com as contradições do regime, espoletando mais manifestações na Europa de Leste, mas também no núcleo da URSS.

Em 28 de junho de 1988, terá lugar a XIX Conferência Nacional do PCUS, acontecimento importante para o movimento comunista internacional, que mereceu uma antevisão nas páginas do *Avante!*. Os comunistas portugueses preveem que o evento ficará marcado pela discussão da perestroika e pela contextualização da política externa soviética. Pela primeira vez desde a tomada de posse de Gorbachev, o PCP coloca diretamente a questão «o que devemos fazer para eliminar os obstáculos que esta [a perestroika] enfrenta[?]»⁷³ e defende que essa pergunta deve constituir o ponto de partida do debate que o MCI quer ver solucionado. No mesmo artigo, o PCP admite que «A perestroika criou uma situação política e ideológica absolutamente nova no país (...) A nova situação dá possibilidade aos soviéticos de aproveitarem melhor as suas potencialidades morais e intelectuais e participarem mais activamente na vida social.»⁷⁴. Na linha desse raciocínio, o PCP argumenta ainda que:

«A nova mentalidade política permitiu avançar uma série de grandes ideias (...) As maiores são: o programa de eliminação das armas nucleares até ao ano 2000 por etapas,

⁷¹ GORBACHEV, Mikhail; (1987); *Perestroika: Anos de transformação e de esperança para a URSS e para o mundo*; Mem-Martins; Publicações Europa-América; pág98.

⁷² *Avante!*; Ano 57; Série VII; N734; 21 de janeiro de 1988; pág. 13.

⁷³ *Avante!*; Ano 58; Série VII; N754; 9 de junho de 1988; pág. 6-7.

⁷⁴ *Avante!*; Ano 58; Série VII; N754; 9 de junho de 1988; pág. 6-7.

o sistema de segurança global, a liberdade de opção, o equilíbrio dos interesses, a nossa «casa europeia», a remodelação das relações na região asiática e do Pacífico, a suficiência na defesa e a doutrina defensiva, a segurança económica internacional (...) e a ideia do aproveitamento do prestígio da ciência na política mundial.»⁷⁵

Uma vez mais se percebe que a linguagem evasiva do *Avante!* confunde e restringe a perestroika à política externa da União Soviética e exclui o restante corpo programático, assim como as consequências visíveis das mudanças em desenvolvimento.

A edição de 7 de julho de 1988 do jornal *Avante!* é dedicada à análise da XIX Conferência Nacional do PCUS. Segundo o PCP, citando alguns delegados que participaram no evento, a atmosfera do evento foi a seguinte: «Muitos delegados à 19ª Conferência do PCUS (...) foram unânimes em reconhecer que não havia há muitos anos uma iniciativa em que a discussão fosse tão aberta, a participação tão activa, o debate tão intenso e as intervenções tão sentidas». Todavia, a satisfação com o ambiente em que decorreu a XIX Conferência do PCUS e o elogio à perestroika não afastam o espectro de desconfiança e de incerteza que pairava sobre os seguidores da União Soviética, entre eles o PCP: «As dificuldades, contudo, são muito sérias, mais sérias do que parecem em Abril de 1985, quando o Comité Central do PCUS definiu os traços essenciais da nova política e, (...) decidiu avançar para a perestroika.»⁷⁶ Num artigo intitulado «Dificuldades maiores do que pareciam», o PCP admite pela primeira vez que:

«Na renovação revolucionária da sociedade há, no entanto, sérias dificuldades. (...) A pedido do Avante!, o membro suplente do bureau político e secretário do CC do PCUS Gueorgui Razumovski (...) comentou este facto (...) Começou por recordar que por mais de uma vez esse facto tinha sido sublinhado. «As dificuldades mostraram-se realmente maiores – afirmou. Maiores na economia, maiores nos aspectos psicológicos, na modificação da consciência das pessoas. E mostravam-se cada vez maiores à medida que íamos verificando que todos os membros da nossa sociedade, sem excepção, têm que se modificar.»⁷⁷

Pela primeira vez desde que Mikhail Gorbachev é eleito secretário-geral do PCUS, o Partido Comunista Português admite a existência de problemas graves em todos os setores do funcionamento do sistema soviético, cuja solução só será possível na reorganização

⁷⁵ *Avante!*; Ano 58; Série VII; N754; 9 de junho de 1988; pág. 6-7.

⁷⁶ *Avante!*; Ano 58; Série VII; N758; 7 de julho de 1988; Pág. 4.

⁷⁷ *Avante!*; Ano 58; Série VII; N758; 7 de julho de 1988; Pág. 4.

dos alicerces do sistema, não indicando, porém, se a perestroika está preparada para o fazer. Nessa altura, já o PCP e os restantes apoiantes da URSS se tinham apercebido que as mudanças eram imperativas para evitar o colapso do bloco comunista, só não tinham ainda compreendido que Gorbachev se encontrava sem soluções para evitar a concretização desse cenário.

A edição de 23 de março de 1989 do *Avante!* publicou um pequeno artigo intitulado «Não Esquecer Lenine» que defende que «Nenhuma transformação social pode ser efectuada em detrimento dos interesses das massas e sem participação directa destas, por mais bombásticos que sejam os slogans com que se encubra.»⁷⁸. As palavras do órgão de comunicação oficial do PCP denotam uma crítica disfarçada de sugestão às reformas em curso na União Soviética. O conteúdo do texto representa um indicador do desconforto instalado no comunismo português ante o panorama político, económico e social de instabilidade nos países socialistas.

1989 iniciará a conjuntura de implosão do bloco comunista e da própria União Soviética, cujo domínio sobre os seus Estados-satélite do Leste europeu era cada vez mais questionado pelos grupos de oposição que usufruíram da visibilidade e capacidade de agregação política proporcionada pela revolução de Gorbachev. O ciclo de derrocada que irá terminar em 25 de dezembro de 1991 com a extinção oficial da URSS e o fim simultâneo da Guerra Fria será encarado pelos comunistas portugueses com consternação, revolta, desânimo e, por fim, pela refundação interna da arquitetura do PCP, agora subtraído da referência política de sempre. A postura do PCP ante o colapso do comunismo soviético assumiu uma evolução complexa e marcada por críticas internas à confiança depositada na perestroika, começando por Álvaro Cunhal, e por um período de reflexão que também incluirá a integridade do próprio comunismo em Portugal.

Álvaro Cunhal efetuou um périplo pela Checoslováquia, Hungria, Polónia e República Democrática Alemã de 26 de junho a 6 de julho de 1989. O *Avante!* admite que essa viagem «adquire no actual momento particular significado e importância.»⁷⁹. Nesta altura, a Europa de Leste estava a ser fustigada por vagas violentas de conflitos interétnicos. Álvaro Cunhal é confrontado com as modificações políticas em curso na Polónia e na Hungria, dois países perto de consumarem a sua incompatibilização com o

⁷⁸ *Avante!*; Ano 59; Série VII; N795; 23 de março de 1989; pág. 15.

⁷⁹ *Avante!*; Ano 59; Série VII; 13 de julho de 1989; pág. 2.

comunismo soviético. O dirigente do PCP refere que, na Polónia, «os eleitos pelos eleitores do Solidariedade tão-pouco têm uma sólida ideia de unidade e alguns pronunciam-se pelo cumprimento dos compromissos com o POUP e o governo.»⁸⁰. O chefe dos comunistas portugueses relativiza o impacto do mais conhecido grupo de oposição à URSS no interior do mundo comunista, acusando alguns dos seus membros de não terem uma estratégia, embora outros se encontrem sintonizados com o Partido Comunista. Sobre a Hungria, Álvaro Cunhal entende que o sistema político magiar está próximo de um paradigma «que, na opinião de um dirigente, se aproxima da filosofia política europeia», querendo dizer naturalmente «europeia ocidental»⁸¹. Cunhal defende que a Hungria se encontra em processo de transformação rumo a um convívio direto com a social-democracia e o consequente afastamento do socialismo soviético. Em relação à perestroika, Álvaro Cunhal reitera que:

«A renovação é sempre uma necessidade. (...) Mas a renovação da direcção e do trabalho em geral de um partido comunista deve realizar-se para o seu fortalecimento como partido comunista e não para a perda da sua natureza de classe da sua política revolucionária. (...) o que não está claro é se tais processos políticos em curso conduzirão ao reforço, avanços e vitórias do socialismo, ou ao seu enfraquecimento, recuos e derrotas.»⁸².

O porta-voz do comunismo português demonstra descrença no fôlego oferecido pela perestroika e, embora reconheça a urgência da sua intenção em reestruturar as deficiências do pesado aparelho comunista, relaciona o ímpeto reformista do líder soviético com a conjuntura profundamente desfavorável ao marxismo-leninismo.

As críticas do dirigente comunista serão repercutidas por Carlos Carvalhas e por Octávio Teixeira, membros do Comité Central do PCP que visitaram a União Soviética para acompanhar diretamente o curso da perestroika. Reconhecem a gravidade da estagnação económica, motivada por «problemas no abastecimento regular de alguns bens de largo consumo (...) ritmos lentos a que se processam os necessários aumentos de produção agrícola (...) deficiências na indústria transformadora de bens alimentares (...) elevados

⁸⁰ *Avante!*; Ano 59; Série VII; 13 de julho de 1989; pág. 3.

⁸¹ *Avante!*; Ano 59; Série VII; 13 de julho de 1989; pág. 3.

⁸² *Avante!*; Ano 59; Série VII; 13 de julho de 1989; pág. 5-6.

níveis de déficit orçamental»⁸³. Sobre as causas, Carvalhas e Teixeira apontam «causas múltiplas, umas mais antigas, outras mais recentes»⁸⁴ das quais destacamos:

«as causas mais recentes, digamos de 1985 para cá (...) com a «perestroika» na economia, abandonaram-se ou enfraqueceram-se mecanismos e métodos de gestão (administrativos) que, no entanto, não foram substituídos, ou não foram completamente substituídos, por novos métodos de gestão baseados nas leis económicas: porque a nova legislação publicada não foi a mais adequada.»⁸⁵.

Entretanto, as fraturas do mundo comunista foram aumentando e agravando a sua dimensão à medida que o ano de 1989 foi progredindo. A agudização da crise chegou em novembro daquele ano, juntamente com a derrocada:

«Em Moscovo eram mais duas horas, pelo que Gorbachev só recebeu a notícia na manhã seguinte. Como disse um comentador, «quando os alemães orientais estavam a dançar no muro, os líderes soviéticos estavam ferrados no sono». (...) Entre 10 de Novembro e o final de 1989, mais de 120 mil pessoas abandonaram a RDA (...) O Partido Comunista desintegrou-se quando confrontado com as novas realidades, mas foi reconstruído como Partido do Socialismo Democrático. Não foi o suficiente para preservar um estado alemão separado.»⁸⁶.

O *Avante!* irá dedicar a sua edição de 7 de dezembro de 1989 aos acontecimentos que culminaram na queda do Muro de Berlim, cuja análise é marcada pela discordância e pela crítica direta e violenta ao consulado de Mikhail Gorbachev:

«Em nosso entender esses fenómenos negativos desenvolveram-se, especialmente ao nível do Estado, da Economia e do Partido. Ao nível do Estado com o desrespeito pela democracia socialista a confusão de funções entre o Partido e o Estado e a direcção deste altamente centralizada, autoritária e cada vez mais afastada do controlo popular. Ao nível da economia com formas de organização económica excessivamente centralizadoras, voluntaristas, rotineiras, dirigidas por um aparelho burocrático de dimensões excessivas (...) A nível do Partido (...) dirigentes a assumirem atitudes de imposição administrativas das suas orientações, opiniões e decisões, desligadas das

⁸³ *Avante!*; Ano 59; Série VII; 26 de outubro de 1989; 3º caderno; pág. 6

⁸⁴ *Avante!*; Ano 59; Série VII; 26 de outubro de 1989; 3º caderno; pág. 6

⁸⁵ *Avante!*; Ano 59; Série VII; 26 de outubro de 1989; 3º caderno; pág. 6

⁸⁶ BROWN, Archie; (2010); *Ascensão e Queda do Comunismo*; Alfragide; Publicações Dom Quixote; p. 611.

bases, e conduzindo os partidos respectivos para um progressivo isolamento das massas populares, (...) do que resultou o enfraquecimento e a redução da sua base de apoio.»⁸⁷.

A crítica do PCP pode ser assim sintetizada: um Estado centralista, burocratizado, afastado do controlo popular e dirigentes do Partido tentando impor as suas orientações desligadas das bases partidárias. Para concluir, o órgão de comunicação oficial do PCP denunciava a reformulação da URSS proposta por Gorbachev como contrária às «grandes referências, ideias e os valores essenciais do ideal comunista, como foi compreendido por Marx, Engels e Lenine e permanentemente assumido pela generalidade dos partidos comunistas.»⁸⁸.

O último capítulo político da história do século XX tem início oficial com a queda do símbolo da Guerra Fria na Europa e, como alguns comunistas portugueses já admitiam declaradamente, será marcado pela derrota do comunismo. Todavia, nem todos os membros do PCP estavam ainda convencidos da vitória do capitalismo e do conseqüente período de hegemonia do «imperialismo» norte-americano.

O processo de desagregação da Europa de Leste foi discutido por Albano Nunes, Miguel Urbano Rodrigues e José Goulão, numa entrevista conjunta publicada pelo *Avante!* em 22 de março de 1990. Albano Nunes manteve a confiança no «fortalecimento do socialismo (...) designadamente através do triunfo da perestroika, relançando aos países socialistas todo o seu potencial de atracção e toda a sua influência na área internacional».⁸⁹ Para aquele membro do Comité Central do PCP, a derrocada dos satélites europeus da URSS não significa o desmantelamento da União Soviética, que ainda se poderá revitalizar em resultado dos efeitos a médio e longo prazo das reformas lançadas pelo secretário-geral do PCUS.

Já Miguel Urbano Rodrigues e José Goulão optam por uma perspectiva de análise convergente, com poucos sinais de confiança no futuro. Rodrigues refere que:

«É evidente que a perestroika teve o enorme benefício de afastar aquele medo, quase pânico, do holocausto nuclear, que nos dominava no dia-a-dia. (...) Mas, por outro lado, as situações ocorridas nos países da Europa central, do Leste europeu, estão a suscitar preocupações muito graves. (...) Além disso, na própria União Soviética – a par dos

⁸⁷ *Avante!*; Ano 59; Série VII; N832; 7 de dezembro de 1989; 4º caderno; pág. 6.

⁸⁸ *Avante!*; Ano 59; Série VII; N832; 7 de dezembro de 1989; 4º caderno; pág. 7.

⁸⁹ *Avante!*; Ano 60; Série VII; N847; 22 de março de 1990; 4º caderno; pág. 7.

objectivos revolucionários da perestroika – assiste-se hoje a processos de contestação que não facilitam nada a resolução das questões de segurança.»⁹⁰.

Destacamos a divisão inédita de Miguel Urbano Rodrigues entre as virtudes e os defeitos – segundo a lógica comunista – da perestroika, que até ao momento não era concretizada pelo PCP, que encobria os seus efeitos inesperados e nocivos com o pacifismo e a simpatia que a política externa de Gorbachev despertava na comunidade internacional. José Goulão reforça o ângulo de visão de Miguel Urbano Rodrigues:

«A perestroika veio, de facto, permitir que se respirasse mais fundo. A dinâmica da política externa e da política de negociações conduzida pela União Soviética encostou a administração norte-americana à parede (...) A situação mudou, portanto, de um equilíbrio perigoso para uma fase dinâmica de ofensiva negocial soviética, que permitiu respirar fundo; mas os desenvolvimentos dos acontecimentos, a seguir, nos países do Leste, trouxe novos perigos, criou-se uma situação que veio encorajar a natureza agressiva do Imperialismo.»⁹¹.

Concluimos que os três decanos do Partido Comunista Português – em que se destaca a confiança solitária de Albano Nunes nas capacidades de reforma do socialismo soviético - não são totalmente avessos à perestroika, mas não ignoram o seu contributo no processo de implosão da Europa de Leste. Como referi anteriormente, os comentários de Miguel Urbano Rodrigues e José Goulão marcam uma nova etapa na postura do PCP ante a era Gorbachev porque o prestígio internacional adjacente à militância comunista contra o armamento nuclear aparece agora dissociado dos efeitos políticos nefastos causados pela reformulação e tentativa de correção das contradições do sistema soviético.

A derrota iminente da União Soviética no palco da Guerra Fria foi associada à descredibilização ideológica inexorável do PCP. A esses argumentos dos adversários políticos, os comunistas portugueses reagiram através da convicção na sobrevivência dos ideais forjados em outubro de 1917.

Ingrid Van Biezen redigiu um artigo que analisa em perspetiva comparada a organização e a estrutura dos partidos socialistas e comunistas da Europa do Sul. O autor apresenta dados estatísticos sobre a evolução registada na militância do PCP de 1974 até 1996. As

⁹⁰ *Avante!*; Ano 60; Série VII; N847; 22 de março de 1990; 4º caderno; pág. 7.

⁹¹ *Avante!*; Ano 60; Série VII; N847; 22 de março de 1990; 4º caderno; pág. 7.

conclusões são inequívocas: a desagregação do mundo comunista afetou negativamente o capital político do PCP, cuja ideologia ficou associada a um projeto falhado e sem lugar nos anos subsequentes, como nos demonstra a seguinte tabela:

TABLE 1
PARTY MEMBERSHIP

	PCP	PS	PCE	PSOE
1974	14,593	35,971		
1975	100,000	81,654	15,000	4,000
1976	115,000	91,562		9,141
1977				51,552
1978	142,000	96,563	201,740	99,500
1979	164,713			101,082
1980	187,018			
1981			160,000	97,356
1982				112,591
1983	200,753	130,181	84,652	145,471
1984		139,000		153,076
1985			70,000	
1986		46,655		160,000
1987				
1988	199,275		49,000	213,015
1989		62,117		
1990				262,900
1991		69,351	44,775	
1992	163,506	70,000		325,424
1993				
1994				350,173
1995			34,704	362,662
1996	140,000			365,090

Note: The figures for the PS in 1983 and 1984 are uncertain. The 1996 figure for the PSOE corresponds to May 1996.

Fonte: BIEZEN, Ingrid Van; (2007; «Building party organisations and the relevance of past models: The communist and socialist parties in Spain and Portugal *in West European Politics*; 21:2; p. 48.

Os dados apresentados demonstram uma diminuição no número de militantes do Partido Comunista Português e do Partido Comunista Espanhol a partir de 1989, em contraste com o acréscimo de associados aos partidos concorrentes pelo eleitorado situado à esquerda dos respetivos espectros políticos nacionais.

Biezen conclui a sua investigação com uma citação da postura política assumida pelos comunistas portugueses perante o desmantelamento do comunismo na Europa:

«[t]he PCP firmly rejects the opinions according to which, both because of the events in the socialist countries and because of a supposed democratic evolution of capitalism, the objective conditions for the existence of communist parties should have disappeared. [...] It firmly rejects the opinions according to which the PCP should abandon its

revolutionary objectives and [...] turn into a party approximating social democratic principles and orientations.»⁹².

Mais cristalino do que a conclusão do autor é o excerto de um discurso proferido por Álvaro Cunhal em abril de 1990 na Atalaia:

«Os acontecimentos, as transformações, as derrotas, nos países do Leste europeu significam (...) a falência do socialismo? O fim de uma utopia? (...) Não riscamos da história as transformações revolucionárias na URSS e noutros países socialistas, apesar dos gravíssimos erros e das soluções defeituosas que conduziram a tão graves e desastrosas derrotas como agora observamos. (...) Afirmamos e confirmamos o nosso ideal comunista renovado e enriquecido pela experiência, (...) Ao contrário do que proclamam alguns, o ideal da construção de uma nova sociedade não morreu, não morreu com as grandes derrotas sofridas numa série de países do leste europeu, onde os partidos no poder se afastaram de princípios, objetivos e práticas essenciais do ideal comunista.»⁹³.

Álvaro Cunhal reafirma a validade da causa comunista e defende que os erros da perestroika e a derrocada do socialismo na Europa de Leste contribuem para um enriquecedor processo de aprendizagem e de fortalecimento do comunismo em Portugal, cuja aprendizagem com os erros verificados na edificação do marxismo-leninismo melhora o projeto do PCP para a construção do socialismo em Portugal, que será desprovido do afastamento em relação aos valores difundidos pela revolução russa de 1917.

A gravidade do impacto causado pela derrocada das «democracias populares» da Europa de Leste obrigou o PCP a organizar um congresso extraordinário. Mário Lino escreve um artigo de opinião no *Avante!* a defender a importância acrescida do XIII Congresso extraordinário do PCP, realizado em maio de 1990, para os militantes do partido porque coincide com uma «encruzilhada muito complexa em que se torna imprescindível um profundo e muito alargado debate e um grande esforço colectivo para se escolher o melhor caminho a seguir, sob pena de assistirmos a uma acentuada quebra de influência do Partido.»⁹⁴.

⁹² BIEZEN, Ingrid Van; (2007; «Building party organisations and the relevance of past models: The communist and socialist parties in Spain and Portugal in *West European Politics*; 21:2; p. 61.

⁹³ *Avante!*; Ano 60; Série VII; N850; 12 de abril de 1990; 4º caderno; pág. 5.

⁹⁴ *Avante!*; Ano 60; série VII; N855; 17 de maio de 1990; 2º caderno; pág. 5.

O XIII Congresso extraordinário do PCP inicia-se com uma contextualização sobre o cenário político na Europa de Leste:

«Já se lhe tem chamado terramoto. E a palavra não é exagerada. Nesses países a maior parte dos partidos comunistas afastaram-se dos ideais comunistas, cometeram erros gravíssimos, isolaram-se dos povos respectivos, foram contestados pelo povo, foram afastados pelo poder e alguns deles resolveram transformar-se em novos partidos de orientação social-democrata.»⁹⁵.

Nesse sentido, o objetivo principal e o motivo da realização desse evento político extraordinário são «o exame dos acontecimentos e suas repercussões (...) a discernir no fundamental e numa primeira abordagem as suas causas, o seu significado e as suas consequências (...) e perspectivas do sistema socialista, do ideal comunista (...) e da luta do nosso próprio Partido.»⁹⁶.

A conclusão principal e definitiva do XIII Congresso extraordinário do PCP é a revalidação da legitimidade e da superioridade ideológica do comunismo sobre o capitalismo:

«O PCP proclama neste Congresso (...) que o ideal comunista não está morto, existe e existirá enquanto persistirem sociedades baseadas na exploração do homem pelo homem. (...) Os acontecimentos no Leste da Europa enfraqueceram o movimento comunista e introduzem novas contradições e dificuldades à sua acção e desenvolvimento. Obrigam a um reexame tanto da história como dos projectos diversificados de construção do socialismo. (...) Mas não desmentem a existência nem a necessidade do movimento comunista internacional.»⁹⁷.

A resolução política do XIII Congresso extraordinário do PCP é marcada por três conclusões fundamentais: em primeiro lugar, o partido admite o impacto catastrófico da desagregação inesperada e traumática do comunismo na Europa de Leste. Em segundo plano, o PCP reafirma a sua confiança na capacidade da perestroika em recuperar a sustentabilidade da União Soviética e relembra que esta demonstra «as potencialidades

⁹⁵ Avante!; Ano 60; Série VII; N856; 21 de maio de 1990; pág. 14.

⁹⁶ Avante!; Ano 60; Série VII; N856; 21 de maio de 1990; pág. 14.

⁹⁷ Avante!; Ano 60; série VII; N856; 21 de maio de 1990; pág. 23.

libertadoras e a capacidade de auto-renovação do sistema socialista.»⁹⁸. Contudo, o PCP também salienta

«as suas preocupações por situações, acontecimentos e processos negativos surgidos no decurso da perestroika, designadamente as dificuldades económicas até hoje não resolvidas, os agudos conflitos étnicos e a erupção e desenvolvimento, à sombra da perestroika e invocando a perestroika, de forças anti-socialistas e nacionalistas que o imperialismo, as forças da direita e elementos oportunistas apresentam como as forças motoras do que alegam ser a perestroika e às quais manifestam simpatia e apoio.»⁹⁹.

Segue-se a autocrítica relacionada com a autoconfiança excessiva que depositaram na capacidade dos seus equivalentes europeus em reformularem os respetivos partidos sem porem em causa os ensinamentos de Lenine: «o PCP expunha com clareza as suas reservas e posições – foi um erro tal atitude não ter sido acompanhada do seu distanciamento público mais explícito nas linhas programáticas, nas posições políticas e na apreciação da realidade nos países socialistas.»¹⁰⁰.

Na data de 15 de outubro de 1990, Mikhail Gorbachev é galardoado com o Prémio Nobel da Paz. Ironicamente, os comunistas portugueses, não obstante a sua longa e sistemática campanha favorável à militância do líder soviético contra as armas nucleares, serão menos calorosos nas felicitações ao dirigente soviético do que líderes mundiais tais como Mário Soares, Margaret Thatcher, George Bush ou Helmut Kohl. O *Avante!* faz questão de recordar que «Menos entusiastas parecem ter sido os próprios soviéticos, mais preocupados de momento com a grave situação económica que o país atravessa.»¹⁰¹.

Os primeiros meses de 1991 assistiram ao agravamento das tensões étnicas entre as largas dezenas de nacionalidades que povoavam as repúblicas socialistas da União Soviética. As declarações de independência dos países europeus foram-se avolumando perante um

⁹⁸ Resolução Política do XIII Congresso do PCP (Extraordinário) – Capítulo I: <http://www.pcp.pt/resolu%C3%A7%C3%A3o-pol%C3%ADtica-do-xiii-congresso-do-pcp-extraordin%C3%A1rio-cap%C3%ADtulo-i> (consultado a 07/03/2018)

⁹⁹ Resolução Política do XIII Congresso do PCP (Extraordinário) – Capítulo I: <http://www.pcp.pt/resolu%C3%A7%C3%A3o-pol%C3%ADtica-do-xiii-congresso-do-pcp-extraordin%C3%A1rio-cap%C3%ADtulo-i> (consultado a 07/03/2018).

¹⁰⁰ Resolução Política do XIII Congresso do PCP (Extraordinário) – Capítulo I: <http://www.pcp.pt/resolu%C3%A7%C3%A3o-pol%C3%ADtica-do-xiii-congresso-do-pcp-extraordin%C3%A1rio-cap%C3%ADtulo-i> (consultado a 07/03/2018).

¹⁰¹ *Avante!*; Ano 60; Série VII; N878; 18 de outubro de 1990; pág. 12.

governo central incapaz de conter a vaga revolucionária que substituiu o controlo soviético pela transição para a democracia.

Esse cenário trágico para o ângulo de visão comunista foi um dos tópicos dominantes do discurso proferido por Álvaro Cunhal no âmbito das comemorações do septuagésimo aniversário do PCP, em 21 de março de 1991. O líder comunista começou por evocar novamente os erros de avaliação do PCP à evolução política da Europa de Leste após a introdução da perestroika. O discurso também é marcado pela exaltação da «epopeia» da Revolução de Outubro e pelo silêncio perante a calamitosa situação da moribunda URSS.

O silêncio de Cunhal é colmatado por um extenso artigo de Miguel Urbano Rodrigues publicado no *Avante!* em que o histórico militante do PCP narra os momentos que viveu na União Soviética desde julho de 1989 até abril de 1991. O tom que Rodrigues utiliza para se referir ao quotidiano soviético é de desânimo e reconhecimento do fracasso consumado da perestroika em reformular o marxismo-leninismo e devolver à União Soviética o prestígio de outrora:

«Não apareceram valores, projectos e confiança a preencher o espaço-cratera aberto pelo vendaval que atingiu os alicerces do sistema cujos males, erros e desvios a perestroika denunciou ao assumir o desafio de reconstruir o socialismo na URSS sem romper com os seus fundamentos ideológicos e humanistas. Isso não foi possível.»¹⁰².

Na edição seguinte do *Avante!* surge um novo artigo de Miguel Urbano Rodrigues subordinado ao mesmo assunto, mas com um estado de espírito bastante diferente. O desalento é substituído pela revolta e por uma crítica violenta que acusa Gorbachev e Boris Ieltsin de terem traído Lenine:

«O fracasso do ambicioso projecto inicial da perestroika (...) as tensões nas Repúblicas e o agravamento da crise económica abriram grandes rombos no conjunto heterogéneo de forças que em 1986 apoiavam com entusiasmo uma reestruturação global da sociedade soviética numa perspectiva revolucionária de aperfeiçoamento do socialismo. A separação de funções entre o Partido e o Estado não produziu os efeitos visados. (...) O enfraquecimento do PCUS é uma evidência. Presentemente, o ataque principal é dirigido não contra Stalin, mas contra Lenine.»¹⁰³.

¹⁰² *Avante!*; N905; 24 de abril de 1991; pág. 20.

¹⁰³ *Avante!*; N906; 1 de maio de 1991; pág. 22

À medida que o ano de 1991 progride, o PCP vai publicando diversas notas e comunicados a reafirmar a sua posição perante o desenrolar dos acontecimentos, que advinham a extinção da URSS. Em 22 de agosto de 1991, por exemplo, o *Avante!* publicou na íntegra um comunicado do Comité Central do PCP sobre a atualidade do comunismo internacional, destacando-se o seguinte excerto:

«O PCP considerou com «entusiasmo revolucionário» o empreendimento da perestroika, salientado, entre os objectivos definidos, a correcção e superação dos erros, atrasos e estagnação (...) O desenvolvimento dos acontecimentos não correspondeu, porém aos objectivos inicialmente definidos pela perestroika e aos resultados então previstos e anunciados. Por isso, como é sabido, tem o PCP manifestado repetidas vezes as suas preocupações em relação aos desenvolvimentos da situação na URSS.»¹⁰⁴.

O comunismo português mantém a coerência discursiva: reconhece que a postura inicial do partido ante as reformas de Gorbachev foi de total apoio a um conjunto de mudanças estruturais que prometiam a revitalização do regime. Mas, os resultados inesperados não deixam margem para dúvidas: a perestroika e a glasnost falharam e o apoio incondicional foi substituído pela preocupação com o futuro do marxismo-leninismo.

A morte prenunciada da União Soviética não demoveu a convicção inabalável de Álvaro Cunhal na supremacia ideológica do comunismo. O dirigente do PCP profere um discurso no Barreiro em 7 de dezembro de 1991, intitulado pelo *Avante!* como «O comunismo não morreu: o PCP está vivo e para viver»¹⁰⁵, em que reafirma o empenho e a dedicação na manutenção das convicções dos militantes do partido: «Nós, os comunistas, enfrentamos o combate com a coragem e a confiança de sempre. O PCP está firme e de pé para a luta que continua.». Uma semana mais tarde, Álvaro Cunhal discursa no cinema Império:

«Que se desiludam aqueles que combatem o nosso Partido e deitam apressadamente foguetes proclamando que o PCP entrou em «declínio irreversível» e está condenado à morte. Nem o «comunismo morreu», nem o PCP está para morrer. Vivo e bem vivo, o PCP continua firme e corrente, defrontando e superando obstáculos e dificuldades, esclarecendo o povo, apoiando, promovendo, dinamizando (...) a luta nas mais variadas frentes pela solução dos grandes problemas nacionais.»¹⁰⁶.

¹⁰⁴ *Avante!*; N922; 22 de agosto de 1991; pág. 3.

¹⁰⁵ *Avante!*; N938; 12 de dezembro de 1991; pág. 7.

¹⁰⁶ *Avante!*; N939; 19 de dezembro de 1991; pág. 4.

As palavras de Álvaro Cunhal refletem a tentativa de superação do comunismo português, que procura compreender e ultrapassar a liquidação do Estado que nasceu da mesma revolução política que inspirou a fundação do PCP. O baluarte soviético português foi bem-sucedido na sua reorganização interna e encontra-se entre os poucos sobreviventes da derrocada do mundo comunista.

Já aqui discutimos a leitura política imediata do Partido Comunista Português aos acontecimentos que culminaram na falência da União Soviética. No próximo capítulo iremos analisar a interpretação histórica posterior do PCP ante a desagregação da URSS.

CAP-3 - O PCP perante a *perestroika* e a desagregação do socialismo real na Euro-Ásia (1992-2007):

O desaparecimento do bloco comunista favoreceu a visão que entende o marxismo-leninismo como uma ideologia derrotada pelas contradições acumuladas no processo de construção do Estado soviético e pela capacidade de adaptação superior do capitalismo aos novos ventos da História. Essa visão contrasta com a interpretação dos baluartes soviéticos que sobreviveram à implosão da URSS porque questionam e acusam um retrocesso ao novo sistema internacional inaugurado em 1991. O Partido Comunista Português apresenta-se como um elemento de vanguarda na rejeição desta nova era sem a presença do colosso socialista, identificando-se com uma interpretação *sui generis* sobre o fim do comunismo e de como esse desfecho se revelou trágico para o futuro dos povos no mundo.

3.1 - Interpretação do PCP sobre a desagregação do socialismo real:

Como referimos anteriormente, o XIII Congresso extraordinário do PCP, ocorrido em maio de 1990, assinala o encontro dos comunistas portugueses tendo como pano de fundo a discussão dos agentes históricos responsáveis pela desagregação inesperadamente iminente do socialismo na Europa de Leste. Desse evento político, resultou a enumeração de cinco fatores explicativos da tragédia soviética, que ficarão associados à interpretação posterior dos comunistas portugueses perante a conjuntura de 1989-1991.

1º) «A substituição do poder popular por uma forte centralização do poder político, cada vez mais afastados das aspirações, opinião e vontade do povo»;

2º) A «dogmatização e instrumentalização do marxismo-leninismo e sua imposição como ideologia de Estado».¹⁰⁷. Para o comunismo português, durante a era Gorbachev verificou-se um agravamento da já pesadíssima e caótica burocracia do sistema soviético. As decisões políticas e a nova legislação laboral anunciadas pelo Politburo soviético concentraram o poder de decisão nas instituições centrais em detrimento do poder periférico, detentor dos interesses e da representação de vastos aglomerados populacionais a quem a *perestroika* prometeu inclusão e melhores condições de vida. O comunismo português entende que o círculo político de Gorbachev impôs

¹⁰⁷ *Avante!*; N1776; 13 de dezembro de 2007; pág. 22.

administrativamente a dogmatização do marxismo-leninismo ao povo soviético disfarçada de renovação e superação. Para o PCP, a estratégia delineada pelo último governo da URSS vai de encontro aos ensinamentos do marxismo-leninismo porque rejeita a participação dos povos que confiaram os seus destinos à liderança do partido.

3º) As «graves limitações imputadas à democracia política, ao mesmo tempo que se verificava a acentuação do carácter repressivo do Estado e a infracção da legalidade.»¹⁰⁸. Um dos dilemas presentes nos regimes autoritários encontra-se no debate sobre a necessidade e o alcance de reformas. Para os grupos da oposição, as mudanças apresentadas não são mais do que uma evolução da continuidade - as propostas de reforma são apontadas como demasiado conservadoras. Para os setores conservadores, as consequências inauguram uma turbulência política que se poderá revelar fatal - as propostas de reforma são interpretadas como excessivamente liberais. O PCP enquadra-se no segundo paradigma: o segundo motivo definido no XIII Congresso é uma crítica à perestroika por se interpretar as alterações estruturais em curso como restritivas dos mecanismos de participação popular e sobretudo porque destroem os sustentáculos ideológicos, económicos e da política externa que orientavam a União Soviética desde 1921.

4º) A «edificação de uma economia com centralização excessiva da propriedade estatal, a eliminação de outras formas de propriedade e de gestão, o desprezo pelo papel do mercado e o desincentivo ao empenho e à produção dos trabalhadores.»¹⁰⁹. O PCP interpreta as reformas económicas e a nova legislação laboral como medíocres e diretamente responsáveis pela perversão do socialismo soviético. A lei da Empresa e do Estado, uma das bandeiras de Mikhail Gorbachev, é acusada de ser um desinvestimento na produtividade porque o favorecimento à participação, críticas e reivindicações dos trabalhadores não foi acompanhado de soluções eficazes que garantissem a reorganização económica e a diminuição da dependência crescente das importações provenientes do Ocidente.

5º) O «estabelecimento no partido de uma direcção altamente centralizada, de um sistema de centralismo burocrático, com o afastamento progressivo dos trabalhadores e das massas populares e a imposição administrativa das decisões tanto no partido como no

¹⁰⁸ *Avante!*; N1776; 13 de dezembro de 2007; pág. 22.

¹⁰⁹ *Avante!*; N1776; 13 de dezembro de 2007; pág. 22.

Estado dada a fusão e confusão das funções do Estado e do Partido»¹¹⁰. Os comunistas portugueses consideram que o último governo da União Soviética adotou uma postura contrária à posição de vanguarda que o PCUS detinha junto do povo soviético. Para o PCP, o reforço do centralismo burocrático e a opacidade que escudava a instabilidade governativa crónica de Mikhail Gorbachev afastou o partido das funções delegadas por Lenine após a revolução russa. Álvaro Cunhal, numa conferência proferida em 21 de maio de 1993 subordinada ao tema «Passado e Futuro do Comunismo em Portugal» defende que os membros do Politburo soviético

«Afastaram-se no que respeita à natureza e ao papel do partido comunista, em que se verificou igualmente uma direcção igualmente centralizada e burocratizada, o distanciamento progressivo dos trabalhadores e das massas populares, a fusão e confusão das funções do partido e do Estado e a imposição administrativa de decisões tanto no Partido como no Estado.»¹¹¹.

O mesmo tom crítico coordenou a análise da publicação comunista francesa *Révolution*:

«Traído pela sua direcção, abandonado pelos seus quadros e vítima da passividade dos seus aderentes, o PCUS desintegrou-se. (...) Uma das razões desse brusco colapso foi sem dúvida o desapossamento total dos seus membros de qualquer possibilidade de intervenção, a sua desresponsabilização, o seu afastamento da elaboração da política do Partido. Tudo ali era decidido na cúpula e no dia em que a cúpula cedeu nada restou do edifício.»¹¹².

A revisão da interpretação histórica do Partido Comunista Português ante o colapso da União Soviética será efetuada por Lino de Carvalho, militante e cronista do *Avante!*, em abril de 1998 e clarifica inequivocamente a posição do partido, que se manterá coerente até aos dias de hoje:

«No XIII Congresso (extraordinário) do PCP fizemos (...) uma análise, sofrida obviamente, mas séria e teoricamente consistente, sobre os acontecimentos que levaram à derrocada das experiências socialistas a Leste. Apontámos cinco causas fundamentais que se mantêm, hoje, no essencial correctas: a crescente degradação do carácter popular

¹¹⁰ *Avante!*; N1776; 13 de dezembro de 2007; pág. 22.

¹¹¹ Conferência de Álvaro Cunhal em Ponte da Barca em 21 de maio de 1993 «O Comunismo Hoje e Amanhã»: <https://www.dorl.pcp.pt/index.php/obras-alvaro-cunhal-menumarxismoleninismo-107/1941-o-comunismo-hoje-e-amanh-1993>

¹¹² *Avante!*; N995; 14 de janeiro de 1993; pág. 24-25.

do poder; as graves limitações que a democracia política sofreu (...) a centralização excessiva da propriedade estatal (...) a instalação de um sistema de centralismo burocrático no Partido Comunista (...) adoptando-se um sistema de imposição administrativa das decisões (...) e, por fim, a dogmatização e instrumentalização da teoria marxista-leninista.»¹¹³

3.2 – Um olhar mais crítico sobre a perestroika:

Durante a governação de Mikhail Gorbachev, a opinião dos comunistas portugueses sobre a perestroika não sofreu alterações significativas. Podemos mesmo dizer que há apenas uma mudança, que não visa diretamente as reformas em curso, mas a emergência das «plataformas antissocialistas» que, à sombra da perestroika, corroeram os alicerces do sistema soviético. Num discurso enunciado em janeiro de 1992, menos de um mês após a extinção da URSS, Álvaro Cunhal admite a desatenção e a sobrestimação dos resultados esperados:

«O nosso Partido não foi nem poderia ser solidário para com o processo que se desenvolveu à sombra da «perestroika» e que conduziu ao grande desastre que significa a liquidação da URSS (...) a verdade que ninguém pode contestar, é que o PCP esteve ao lado da «perestroika», mas não esteve (...) ao lado de capitulacionistas, nem de forças anti-socialistas, de forças contra-revolucionárias que conduziram a União Soviética à derrocada e ao desastre. (...) Para mal dos povos soviéticos e da humanidade, os acontecimentos comprovaram de forma esmagadora a correcção da posição do nosso Partido (...) a nossa recusa frontal a apoiarmos ou a expressarmos qualquer tipo de solidariedade a forças que dentro ou fora do PCUS disfarçadas com a bandeira da «perestroika», actuavam para a desintegração da URSS e a destruição do socialismo.»¹¹⁴

Confirmando a já referida autocrítica declarada no XIII Congresso do partido, Cunhal defende que o partido confiou nas intenções anunciadas pelo líder soviético e que o único resultado esperado e desejado pelo PCP seria a renovação do comunismo no Leste europeu e na União Soviética.

¹¹³ *Avante!*; N1274; 30 de abril de 1998; pág. 25.

¹¹⁴ *Avante!*; N944; 23 de janeiro de 1992; pág. 3.

Após o desfecho da traumática conjuntura de 1989-1991, surgem as primeiras críticas diretamente apontadas à perestroika e ao seu autor. No mesmo discurso, o histórico dirigente do comunismo português defende que o ímpeto reformista é responsável pelo primeiro e derradeiro afastamento dos ensinamentos marxistas, culminando na desintegração do bloco comunista:

«A «perestroika» (disse-se, repetiu-se, proclamou-se) era mais e mais socialismo. Mas, passo a passo, abandonaram-se sucessivamente os objectivos proclamados, estimulou-se o avanço das forças contra-revolucionárias e deixou mesmo de falar-se em socialismo. Numa triste história de vacilações, recuos, capitulações, o processo da «perestroika» foi enfraquecendo, degenerando, afastando-se dos seus objectivos inicialmente anunciados (...) Em suma, em vez da «renovação do socialismo», em vez de «elevar o socialismo a um nível mais alto» (como proclamou o delegado do PCUS na saudação na tribuna do XII Congresso do nosso Partido), em vez disso a liquidação do socialismo. Em vez da União Soviética renovada, também a sua liquidação.»¹¹⁵.

As palavras esgrimidas por Cunhal na conclusão do seu discurso são bastante elucidativas sobre a interpretação histórica do PCP relativamente à perestroika e de como esta não divergiu significativamente da leitura política referida durante o consulado de Gorbachev:

«Claramente e sem equívocos rejeitámos o «modelo» que foi posto em prática na URSS e nos países do Leste da Europa. (...) Mas, ao fazermos a crítica do passado, ao deitarmos fora as águas sujas dos erros e das perversões, não deitámos fora o menino com a água do banho. Porque não só não esquecemos como lembramos e sublinhamos as transformações revolucionárias alcançadas na URSS, as conquistas sociais e culturais do povo, e o papel que, pelas suas realizações, pela sua força e pela sua activa solidariedade para com os trabalhadores e os povos, a União Soviética desempenhou ao longo do século. Por isso, ao anunciar-se há dias a liquidação da URSS, o arrear da bandeira vermelha para hastear no Kremlin a bandeira da Rússia dos Czares, e ao formalizarem-se estes factos no anúncio da demissão de Gorbachev, não fomos daqueles que batemos palmas e gritamos «obrigado Gorbachev». Bateram as palmas à liquidação da URSS e gritaram «obrigado Gorbachev» o Presidente dos Estados Unidos, Bush, o Secretário-Geral da NATO, grandes senhores do capitalismo.»¹¹⁶.

¹¹⁵ *Avante!*; N944; 23 de janeiro de 1992; pág. 3.

¹¹⁶ *Avante!*; N944; 23 de janeiro de 1992; pág. 4.

Uma vez mais o dirigente comunista defende a existência de «erros» e «deformações» no processo de construção do socialismo. Mas defende que «deitar fora as águas sujas» do comunismo soviético não passava por «deitar fora o menino com a água do banho» e que a degenerescência da perestroika se explica pela destruição do socialismo soviético, ao invés da sua renovação, como era esperado e exigido pelo Movimento Comunista Internacional. Álvaro Cunhal também visa diretamente Mikhail Gorbachev, acusando-o de ter agido em parceria com os «grandes senhores do capitalismo», com o propósito de liquidar o Estado comunista que governava.

Gorbachev passará a ser violentamente criticado pelos militantes do PCP que o consideram, a par de Alexander Iakovlev, o principal obreiro da implosão da União Soviética. Miguel Urbano Rodrigues irá sobressair nas acusações ao último secretário-geral do PCUS. Destaco uma «meditação sobre o caos moscovita» em que Rodrigues relata um encontro com Anatoli Lukianov, «o homem que era presidente do Soviete Supremo em Agosto de 1991, nos dias que precederam a destruição do que restava do regime socialista.»¹¹⁷. A conclusão a que os dois homens chegaram é a seguinte:

«Gorbachev tem, como homem e político, uma dimensão bem menor do que aquela que geralmente lhe atribuem no Ocidente. Reagan, Thatcher, o chanceler Kohl (...) aperceberam-se rapidamente da fragilidade política e da vaidade de Gorbachev. Manipularam-no como quiseram. Quando ele, mais tarde, tentou fazer crer que projectara o rumo que as coisas iriam seguir no país (com excepção do desmembramento da União) mentiu mais uma vez (...) Ele não comandou os acontecimentos que levaram à destruição do regime socialista. Foi neles simples instrumento, empurrado por forças e homens que interna e externamente o manobravam. Creio que a análise de Fidel Castro faz de Gorbachev é correcta, tem o mérito de reduzir a política à sua real e pequena dimensão.»¹¹⁸.

Compreende-se a inversão de posições face a um representante do comunismo soviético: enquanto «Gorby» era respeitado e admirado no Ocidente, os comunistas ortodoxos rejeitavam o legado de Gorbachev, acusando-o de ser uma marioneta que se deixou seduzir pela «beleza maquiavélica do capitalismo da senhora Thatcher»¹¹⁹.

¹¹⁷ *Avante!*; N1047; 6 de janeiro de 1994; pág. 17.

¹¹⁸ *Avante!*; N1047; 6 de janeiro de 1994; pág. 18.

¹¹⁹ *Avante!*; N1142; 619 de outubro de 1995; pág. 20.

3.3 – «O Caso Zita Seabra»:

O desmantelamento do comunismo na Europa de Leste e a consequente desintegração da União Soviética foram, como vimos, entendidos pelo Partido Comunista Português como o resultado das consequências nefastas da perestroika. Os membros do Comité Central rejeitaram qualquer utilidade ou boa intenção, segundo os interesses comunistas, das reformas implementadas pouco tempo após o mês de março de 1985. Essa posição irreduzível do PCP gerou dissidências internas que culminaram em expulsões, tais como a de Carlos Brito ou de Raimundo Narciso. A dissidência, o consequente processo disciplinar e por fim a expulsão mais conhecida é o «Caso Zita Seabra».

«Pode-se informar de que a camarada Zita Seabra mantém há bastante tempo ligações regulares com alguns dos camaradas do chamado “grupo dos 6” (...) participava em ambientes hostis à orientação e à direcção do Partido, ocultando estas actividades aos organismos executivos do Comité Central, designadamente à Comissão Política de que é membro suplente. O caso continua em exame para ulteriores esclarecimentos.»¹²⁰.

Zita Seabra entrou em litígio com o partido para o qual tinha sido eleita após o X Congresso do PCP, em 6 de maio de 1988, na sequência da discordância sobre o legado de Gorbachev. Seabra aplaudiu as mudanças anunciadas pela perestroika defendendo que o resultado da conjuntura que culminou na desagregação do socialismo se deveu às contradições inerentes a um sistema defunto e irreformável. No seu livro *O Nome das Coisas* (1989) escreve Seabra o seguinte:

«é inegável que as profundas mudanças ocorridas na URSS e em outros países socialistas evidenciaram, de forma radical, a desactualização, o desajustamento e o anquilosamento da visão do socialismo apresentado pelo PCP. O PCP ficou rigidamente apegado ao sistema que tantas vezes elogiara no preciso momento em que na URSS se concluía que, sob o peso da herança estalinista, esse sistema conduziu à acumulação de fenómenos de estagnação na vida social, à burocratização das estruturas do Estado, ao enfraquecimento da actividade criativa do cidadão, à crise em geral do sistema político.»¹²¹.

¹²⁰ SEABRA; Zita (1989); *O nome das coisas: Reflexão em tempos de mudança*; Mem-Martins; Publicações Europa-América; pág. 16.

¹²¹ SEABRA; Zita (1989); *O nome das coisas: Reflexão em tempos de mudança*; Mem-Martins; Publicações Europa-América; pág. 18.

O «Caso Zita Seabra» permite um entendimento claro sobre a interpretação histórica dos comunistas portugueses perante a falência do socialismo real. Segundo a dissidente comunista, o PCP entrou num «estado de negação absoluta», comparando o partido aos adeptos de futebol que criticam a arbitragem e outros fatores externos pela derrota, recusando qualquer reflexão sobre a prestação medíocre da equipa que apoiaram¹²². Zita Seabra acusa ainda a URSS de ter sido um embuste porque falhou em todos os compromissos, trazendo apenas o sofrimento e a miséria às pessoas que povoavam a sua esfera de influência:

«Não, a Humanidade não descobriu a auto-estrada para o paraíso. A apropriação colectiva dos meios de produção não é uma fórmula mágica que torne «boa» a fome na Roménia e má a fome em Portugal, o partido único, as restrições á democracia não são uma inevitabilidade, nem uma exigência fundamental para a construção do socialismo; as liberdades não são um valor relativo, instrumental, confiscável em nome da salvaguarda dos «interesses supremos» de uma classe (...) Numa palavra: está definitivamente posto em causa o modelo de socialismo outrora tomado por único, definitivo, universalmente obrigatório.»¹²³.

Numa das conclusões centrais do seu livro, Zita Seabra acusa de cobardia os comunistas portugueses, por se recusarem a enfrentar a realidade da mudança, preferindo uma posição inversa que defende o socialismo real como uma ideologia incompreendida que não foi bem aproveitada por Mikhail Gorbachev:

«parar é morrer e é preciso ter a coragem, que outros estão a mostrar, de reconhecer os erros. Até agora tem-se adoptado a postura inversa. Procuramos esconder a profundidade da mudança e ruptura com erros passados que levaram os países socialistas a atrasos nos domínios económico, social e político. (...) a explicação das dificuldades não foi procurada em eventuais erros, mas sim no facto de sermos incompreendidos. E quanto mais incompreendidos, mais cheios de razão!»¹²⁴.

A análise ao caso «Zita Seabra» reforça a irredutibilidade da visão histórica adotada pelo PCP ante a conjuntura de 1989-1991: os cinco motivos identificados no XIII Congresso

¹²² SEABRA; Zita (1989); *O nome das coisas: Reflexão em tempos de mudança*; Mem-Martins; Publicações Europa-América; pág. 75-76.

¹²³ SEABRA; Zita (1989); *O nome das coisas: Reflexão em tempos de mudança*; Mem-Martins; Publicações Europa-América; pág. 25.

¹²⁴ SEABRA; Zita (1989); *O nome das coisas: Reflexão em tempos de mudança*; Mem-Martins; Publicações Europa-América; pág. 51;75.

extraordinário do PCP ficarão associados à argumentação dos militantes quando confrontados com o percurso da desintegração soviética desde março de 1985 até dezembro de 1991. Essa postura não sofrerá qualquer alteração até novembro de 2007, data do 90^a aniversário da Revolução de Outubro – o termo cronológico desta tese.

3.4 – De novo a questão alemã:

«A chamada unificação mais não tem sido do que um colossal processo de destruição das estruturas produtivas, de desmantelamento das conquistas sociais, de pilhagem de riquezas, de colonização económica, política e cultural.»¹²⁵

Albano Nunes

«Com mais de 80 milhões de habitantes, a Alemanha agigantou-se de súbito aos seus parceiros, representando sozinha entre 1/5 e 1/3 da população, da produção, das exportações, das reservas de divisas de toda a UE.»¹²⁶

Carlos Aboim Inglês

A queda do Muro de Berlim é um acontecimento decisivo do século XX. O desmoronamento do símbolo da Guerra Fria na Europa assinala o fim de uma era marcada pelo confronto ideológico entre as duas superpotências que arbitraram as Relações Internacionais após o final da II Guerra Mundial. No Ocidente, a queda do Muro de Berlim e a consequente dissolução da República Democrática da Alemanha enquanto Estado confirmaram a superioridade do capitalismo sobre uma ideologia enfraquecida e dependente do funcionamento de instituições totalitárias. Por outro lado, os apoiantes da União Soviética percecionaram a cronologia alemã iniciada em novembro de 1989 com assombro e perturbação: doravante, seria uma questão de tempo até que os valores e a filosofia política proclamados por Lenine em outubro de 1917 fossem arremessados para o caixote do lixo da História. Embora as hostes comunistas ainda conseguissem defender a continuidade da sua ideologia com base em argumentos racionais, o descrédito do sistema soviético revelou-se inexorável e provocou a desintegração de muitos Partidos Comunistas europeus.

¹²⁵ *Avante!*; N1213; 27 de fevereiro de 1997; pág 3.

¹²⁶ *Avante!*; N1133; 24 de agosto de 1995; pág 3.

Albano Nunes refere que os comunistas portugueses consideraram a queda do Muro de Berlim e a reunificação alemã como episódios «dramáticos» e «imprevisíveis» porque não corresponderam às reivindicações exigidas em cidades alemãs como Leipzig e Dresden. Segundo Nunes, o descontentamento e a tensão social existentes na Europa de Leste tinham como pano de fundo o «aperfeiçoamento» do sistema comunista, mas nunca a sua destruição.¹²⁷

O processo de reunificação reabilitou a questão alemã: que novos – antigos – problemas poderão estar adjacentes à existência de uma superpotência no centro do continente, e com quem se travaram guerras violentas no passado recente que arruinaram a Europa e a submeteram pela primeira vez à supervisão de terceiros? O dilema mais complexo encontra-se na escassez de motivos que sustentem a manutenção da unidade europeia, bem como a estabilidade do eixo franco-alemão. Embora Hitler e o Holocausto ainda se encontrassem à distância de uma geração, seria uma questão de tempo, pensava-se, até que a Alemanha reafirmasse a posição de liderança que inevitavelmente lhe pertencia, criando desequilíbrios estruturais e ressentimentos em Estados vizinhos, cujas cicatrizes de uma violência sem paralelo ainda eram bem visíveis. Nas palavras de Tony Judt:

«O verdadeiro problema que enfrentámos no rescaldo de 1989 não é o que pensar do comunismo (...) Mas a questão de como nos organizarmos para que o benefício comum continue tão importante como sempre. O desafio para nós não é recuperá-lo dos escombros.»¹²⁸

Para os comunistas portugueses, a resposta ao desafio descrito por Judt passaria pela continuidade das duas “Alemanhas”. Albano Nunes e Rúben de Carvalho¹²⁹ denunciam a ocorrência de uma «anexação da RDA pela RFA». Para aqueles dois militantes do PCP, verificou-se uma decisão «imperialista» e «unilateral» por parte do Ocidente porque as pessoas que povoavam o território pertencente à então RDA não foram consultadas e que, contra a sua vontade, foram forçadas a integrar um Estado que «não expurgou os que cooperaram com o nacional-socialismo durante a II Guerra Mundial.». A interpretação

¹²⁷ Entrevista com Albano Nunes; 19/12/2016.

¹²⁸ JUDT, Tony; (2010); *Um Tratado sobre os nossos actuais descontentamentos*; Lisboa; Edições 70; pág. 141.

¹²⁹ Entrevista com Rúben de Carvalho; 29/12/2016.

do PCP ante o legado da RDA é «positiva» destacando-se a «solidariedade demonstrada para com a luta do povo português contra a ditadura salazarista».

A interpretação dos comunistas portugueses, pela voz de Albano Nunes e Rúben de Carvalho, sobre os motivos que dinamizaram as manifestações no Leste europeu contrasta com a atmosfera social antissoviética e o antagonismo face a Moscovo que vigorava em alguns países, com a Polónia em destaque. Contrariamente à convicção irredutível do comunismo português, as populações sob a égide do socialismo real rejeitavam há muito os seus respetivos governos, e quando Mikhail Gorbachev tornou clara a recusa soviética em recorrer à força militar – o garante da unidade política na Europa de Leste desde 1945 – a revolução a partir de cima da perestroika ficou concluída, sucedendo-lhe as iniciativas da sociedade civil contra a URSS.

Em retrospectiva, a reunificação da Alemanha afigura-se como inevitável: a Guerra Fria tinha terminado e o espectro do comunismo foi definitivamente afastado. Não existia nenhuma justificação para a existência de duas “Alemanhas” – separadas pela derrota militar total e a respetiva ocupação militar efetiva – no coração do Velho Continente. A única objeção digna de nota era o já referido regresso da questão alemã: o que fazer com a presença incómoda daquele colosso europeu? Para o Partido Comunista Português, esse não era o principal problema. Antes da Alemanha reunificada - acusavam os comunistas portugueses - a Europa deveria estar preocupada em rejeitar a arquitetura que estava a ser seguida na construção da CEE. O principal problema era sim o desprezo demonstrado pelas opiniões dos alemães do Leste. Credo na satisfação e na confiança que os alemães de cidades tais como Colónia (na R.F.A), Leipzig ou Dresden tinham pela União Soviética, o PCP entendia como inaceitável a «anexação imperialista» dos territórios alemães que ficaram a Leste da Cortina de Ferro.

Já para Raimundo Narciso, a interpretação do PCP sobre o futuro da Alemanha após a queda do Muro de Berlim integra uma “cassete”¹³⁰ que nega a exultação dos alemães que dançaram sobre os escombros do Muro da Vergonha, cuja construção serviu para estancar a sangria demográfica rumo a Ocidente, um embaraço para o prestígio internacional da União Soviética, que o PCP interpreta como o resultado ingrato dos diferentes

¹³⁰ Entrevista com Raimundo Narciso; 06/12/2016.

tratamentos concedidos aos que colaboraram com a Alemanha nazi – os russos foram mais rigorosos.

3.5 - «Duras realidades a Leste»:

«Conseguimos tudo, mas para mim conclui-se que o que conseguimos é uma sátira daquilo que tínhamos sonhado.»¹³¹.

Krzysztof Kielsowski

Uma das convicções mais carismáticas do comunismo português vaticinava a condenação dos territórios que proclamassem a sua respetiva autonomia do socialismo real ao cataclismo económico, social e político. O futuro imediato da Europa de Leste após o desmoronamento da União Soviética legitimou os prognósticos sombrios repetitivos – mais frequentes à medida que a era Gorbachev foi progredindo – do PCP. O processo de transição - «mais dramático, em certos aspetos, do que os tratados de Versalhes que se seguiram à Primeira Guerra Mundial»¹³² - do comunismo para a democracia nos antigos satélites comunistas resultou em recessões financeiras profundas que degeneraram na anomia social e até alguma nostalgia pelo passado recentemente perdido - «No Leste prefere-se o socialismo!»¹³³, concluía o *Avante!* em novembro de 2007. Manuela Bernardino, membro do Comité Central do PCP, descreve o retrocesso que se abateu sobre o antigo mundo comunista da seguinte forma:

«Medidas aceleradas e demolidoras do modo de produção socialista foram tomadas – para garantir o abastecimento, a quantidade, qualidade e diversidade dos produtos, como se propagandeava – liquidando-se conquistas sociais, direitos dos trabalhadores e a própria estrutura produtiva. (...) No desemprego estão entre um terço e metade da população activa da ex-RDA, 500 mil pessoas que ali habitam vão todos os dias trabalhar para a ex-RFA, enquanto outros 500 mil funcionários públicos aguardam recolocação. Os salários não acompanham a inflação e diminuem ainda com o corte de regalias sociais, nomeadamente na habitação, electricidade e transportes que deixaram de ser subsidiados. As pensões dos reformados são irrisórias na actual situação. As mulheres são mais atingidas pelas desigualdades, enquanto os jovens se deparam com problemas até então desconhecidos. (...) Muita gente compara a sua vida actual com o seu próximo

¹³¹ JUDT, Tony; (2010); *Um Tratado sobre os nossos actuais descontentamentos*; Lisboa; Edições70; pág. 141.

¹³² JUDT, Tony; (2005); *Pós-Guerra: História da Europa Desde 1945*; Lisboa; Edições70; Pág. 717.

¹³³ *Avante!*; N1772; 15 de novembro de 2007; pág. 25.

passado, o que explica a necessidade dos novos poderes perseguirem os comunistas e os seus ideais, procurando abafar, invocando erros do passado, manifestações de descontentamento e revolta (...) Recorrendo à greve, pela manutenção de postos de trabalho, contra o encerramento de empresas e a liquidação de sectores, na ex-RDA, contra o congelamento salarial na Bulgária, Polónia e Roménia, contra os aumentos de preços e sua liberalização na Polónia, Roménia e ex-RDA.»¹³⁴.

Os resultados catastróficos a curto prazo da transição para a democracia na Europa de Leste será o assunto mais debatido nas páginas do órgão de comunicação oficial dos comunistas portugueses entre 1992 e o ano de 2007. Essa atenção excessiva do PCP subentende o interesse em reforçar e legitimar as convicções dos seus militantes sobre as virtudes e a superioridade do marxismo-leninismo. O quotidiano dos antigos satélites comunistas é meticulosamente escrutinado e origina descrições sombrias que conduzem a uma conclusão definitiva: o mundo ficou pior sem a URSS. Prova disso, é a crise estrutural que se encontra intrinsecamente associada aos novos regimes alemão, polaco, húngaro, bielorrusso, búlgaro, romeno e russo, dos quais optei por destacar o panorama alemão e russo.

3.5.1 - República Democrática da Alemanha:

A queda do comunismo na Europa de Leste começou muito antes de 1985. São vários os pontos de partida das deformações no processo de construção da sociedade comunista, incluindo-se os anos de Guerra Civil que se seguiram à revolução russa. Seleciono o choque e a desilusão suscitada pela intervenção soviética na Hungria, no rescaldo da denúncia incompleta das atrocidades cometidas por Estaline contra os povos que habitavam a URSS. Poucos anos mais tarde, em 1968, o mundo voltaria a assistir incrédulo, juntamente com muitos simpatizantes envergonhados do marxismo, a uma marcha dos tanques soviéticos sobre Praga, que se afastou do sistema delineado por Moscovo, o qual foi imposto a todos os países “libertados” pelo Exército Vermelho durante a contraofensiva em direção à Alemanha de Hitler.

Archie Brown defende que a repressão violenta da Primavera de Praga pôs a nu o único sustentáculo do mundo comunista: a «determinação militar e política»¹³⁵ da União

¹³⁴ *Avante!*; N942; 9 de janeiro de 1992; pág. 24-25.

¹³⁵ BROWN, Archie; (2010); *Ascensão e Queda do Comunismo*; Alfragide; Publicações Dom Quixote; pág. 651.

Soviética. A coação de Moscovo revelou-se, porém, insuficiente, para impedir o crescimento da impopularidade do marxismo-leninismo na RDA:

«Robert Havemann, um naturalista e comunista idealista que tinha sido aprisionado pelos Nazis na Segunda Guerra Mundial, mas para quem o esmagamento da Primavera de Praga tinha sido a última gota, (...) apercebeu-se na década de 1970 de quão frágil era a estabilidade aparente da RDA. Escreveu em 1978: «Não faço qualquer tenção de deixar a RDA, na qual se pode observar como passo a passo o regime está a perder, ou perdeu já, toda a credibilidade, e como apenas seriam precisos alguns impulsos ou acontecimentos externos para mandar para o diabo o Politburo.»¹³⁶.

Apesar da rejeição generalizada do comunismo numa fase do século XX em que já restavam poucas dúvidas sobre o seu fracasso, alguns regimes comunistas, com a RDA no topo, mantinham a natureza repressiva como instrumento de controlo que colmatava a indiferença pela necessidade imperativa de mudança:

«Desde final dos anos setenta e até meados dos anos oitenta, a única forma de dissidência que as autoridades do partido-Estado na RDA permitiam parcialmente era dentro da Igreja. Tratava-se de uma dissidência extremamente circunscrita, com as regras do jogo vigiadas pela omnipresente Polícia de Segurança do Estado – a Stasi. (...) A dissidência foi, como resultado, mantida sob controlo até 1989, quando tanto a Stasi como os mais prudentes líderes religiosos perderam o controlo do movimento.»¹³⁷

Neste prisma, um dos méritos da revolução de Mikhail Gorbachev verificou-se na desagregação pacífica do socialismo na Europa de Leste, com a óbvia exceção da Roménia, que não teria sido possível pela livre iniciativa política e social nos satélites comunistas.

Todavia, para os apoiantes de sempre da União Soviética, a substituição pacífica do comunismo pela democracia revelou-se uma vitória insignificante que viria a ser rapidamente ultrapassada pela catástrofe subsequente e tantas vezes pressagiada. No caso da Alemanha, os problemas iniciam-se com a unificação e, principalmente, com o desaparecimento de um Estado muito acarinhado e apoiado pelos baluartes soviéticos.

¹³⁶ BROWN, Archie; (2010); *Ascensão e Queda do Comunismo*; Alfragide; Publicações Dom Quixote; pág. 608.

¹³⁷ BROWN, Archie; (2010); *Ascensão e Queda do Comunismo*; Alfragide; Publicações Dom Quixote; pág. 608.

Álvaro Cunhal, na sequência de uma visita da delegação do Partido Comunista Indiano a Portugal, declara:

«agora é visível para todos: a unificação alemã, sobretudo a introdução da moeda ocidental e a consequente extensão do sistema capitalista, de um dia para o outro, na ex-RDA, foi um grave erro, que levou à sistemática destruição de toda uma economia, pois não houve período de transição em que teria sido possível adaptar-se às novas condições. E mais: o até agora aparentemente forte capitalismo alemão apresenta, cada vez menos, capacidade de responder aos desafios depois da queda do socialismo de Estado.»¹³⁸.

No seguimento da análise de duas entrevistas anteriormente referidas com Albano Nunes e Rúben de Carvalho, concluímos que, para o comunismo português, a passividade de Gorbachev perante a «anexação da RDA pela RFA» é imperdoável e o último secretário-geral do PCUS é classificado como um «dirigente de pacotilha»¹³⁹ que protagonizou a destruição do socialismo no seu próprio país e na Europa de Leste.

3.5.2 - Rússia:

O espetro da recessão não se restringe à Europa de Leste. A Rússia que emerge dos destroços da pátria do marxismo-leninismo será um dos alvos preferenciais da crítica comunista. As referências do PCP à Rússia entre dezembro de 1991 e maio de 2000, serão assinaladas num tom depreciativo que compara a impotência e a humilhante submissão de Moscovo às iniciativas militares da NATO na Europa de Leste e à dependência assumida de capitais financeiros fornecidos por instituições como o FMI. Sobre esse tópico e o papel que nele desempenhou Gorbachev, escreve Miguel Urbano Rodrigues o seguinte:

«Aquilo a que assistimos na Rússia (...) é precisamente a antítese do processo democrático, libertador, progressista, da Revolução de Outubro. (...) o poder ditatorial de Ieltsin já instalado (...) a mascarada de eleições que prepara, tudo isto, que conta com o apoio do imperialismo, inscreve-se na tentativa de instaurar na Rússia um regime ditatorial, capaz de reprimir a resistência popular, de levar até ao fim a destruição do que ainda resta do poder soviético, de assegurar a brutal exploração do povo russo pela

¹³⁸ *Avante!*; N966 25 de junho de 1992; pág. 23.

¹³⁹ *Avante!*; N1142 19 de outubro de 1995; pág. 20.

nova classe de capitalistas (...) É um processo à revelia das exigências do desenvolvimento histórico.»¹⁴⁰

As críticas de Miguel Urbano Rodrigues são reforçadas por Albano Nunes segundo um ângulo de visão distinto:

«Porque o processo de desenvolvimento do processo contra-revolucionário de restauração do capitalismo na Rússia – com o desastre económico, a tragédia social, a brutal pauperização do povo, o desenvolvimento de conflitos étnicos e nacionais, o espectacular surto de criminalidade e degradação moral mas também com crescentes demonstrações de descontentamento e resistência popular e a difícil mas real reorganização das forças democráticas e progressistas – tropeçava (e tropeça) com dificuldades e resistências que tornava imperioso ultrapassar com a construção de um forte poder autoritário (...) Por estes objectivos se vinham batendo Ieltsin (...) e toda uma fauna de burocratas – tecnocratas sob a batuta do FMI.»¹⁴¹.

Os dois comunistas defendem a insustentabilidade da Rússia pós-soviética, mas enquanto Urbano Rodrigues se debruça sobre o que considera ser o «Munique Soviético»¹⁴² protagonizado por Gorbachev, Chevardnadze e Iakovlev, Albano Nunes prefere sublinhar as ações de Boris Ieltsin na queda do bloco comunista e sua respetiva substituição pelo protótipo de um regime ditatorial. Essas abordagens distintas não importam uma discordância quanto à culpabilidade. Antes se complementam entre si, perfazendo a tese defendida pelo PCP sobre o desmantelamento do comunismo na Europa de Leste e a consequente implosão da União Soviética: esse episódio traumático e inesperado é a consequência do afastamento do marxismo-leninismo conduzido pela revolução de Gorbachev, cuja fraqueza, vaidade e ingenuidade o colocaram à mercê dos «grandes senhores do capitalismo» abrindo espaço à entrada em cena de oportunistas ao serviço do capital, como Boris Ieltsin, que consumaram o desabamento da URSS, instaurando no seu lugar uma «política de direita» que aproximou o país de uma ditadura semelhante à que governou a Rússia antes de 1917.

¹⁴⁰ *Avante!*; N1039; 11 de novembro de 1993; pág 24.

¹⁴¹ *Avante!*; N1035; 14 de outubro de 1993; pág 18.

¹⁴² *Avante!*; N1199; 21 de novembro de 1996; pág 24-25.

3.6 - «O imperialismo contra-ataca»:

«Livre do contrapeso da URSS, o imperialismo manifesta mais plenamente a sua natureza militarista agressiva. Sim, a URSS faz falta ao mundo.»¹⁴³.

Albano Nunes

A implosão do bloco comunista inaugurou a hegemonia dos Estados Unidos no novo sistema internacional. Esse era afinal de contas o resultado esperado da unipolaridade norte-americana, em contraste com uma Rússia geográfica e economicamente humilhada. O horizonte adivinhava segurança e estabilidade. Sem a presença de nenhum inimigo de proporções globais, Washington adquiriu a legitimidade internacional suficiente para impor um sistema que melhor se adaptasse às circunstâncias desenhadas pela cronologia.

Esse paradigma motivou o reputado académico norte-americano Francis Fukuyama a escrever «O Fim da História e o último homem», um conjunto de teses cujo argumento se centra no fim das ideologias e na aclamação dos EUA por tempo indefinido como a superpotência dominante que defende o sistema internacional em situações de conflito ou quaisquer outras ameaças à nova ordem internacional pós-Guerra Fria.

O Partido Comunista Português opõe-se a todos os argumentos defendidos por Fukuyama. Para os comunistas portugueses, um dos motivos pelos quais a extinção da União Soviética configura um desastre é o desaparecimento do contrapoder que limitava as ações internacionais norte-americanas e que constituía uma alternativa credível aos aspetos desfavoráveis do capitalismo. Nas palavras do próprio PCP:

«Afinal de contas, mesmo a coberto de um discurso pretensamente anti-ideológico, nada, ideologicamente, mais claro: o fim da história é incompatível com qualquer ideia de transformação revolucionária, logo, não vale a pena a luta por uma sociedade nova liberta da exploração do homem pelo homem. Quando muito, podem esperar-se algumas reformas sociais. Os reajustamentos possíveis. Nunca uma revolução. Este discurso ideológico (do capitalismo, hoje dito neoliberal) que se pretende fazer passar por um discurso desideologizante (a ideia é fazer corresponder à tese do fim das ideologias) mais não visa ser que uma torpe tentativa de retirar à classe operária e aos trabalhadores (...) qualquer perspectiva de luta por uma emancipação social mais profunda, que levasse à

¹⁴³ *Avante!*; N1349; 7 de outubro de 1999; pág 14.

liquidação das velhas contradições de classe, ao emergir de uma nova sociedade sem exploração do homem pelo homem.»¹⁴⁴.

A última década do século XX na Europa é marcada pelo dramático processo de desintegração da Jugoslávia. Esse país assentava numa mescla de etnias separadas por um mosaico cultural antagónico e inflamado, embora adormecido pela liderança consensual de Josip Broz Tito. Com a morte do histórico dirigente jugoslavo e a posterior desagregação do bloco comunista, surgiu a fragmentação da Jugoslávia e a inevitável tragédia:

«Entre 1991 e 1999 centenas de milhares de Bósnios, Croatas, Sérvios e Albaneses foram mortos, violados ou torturados pelos seus concidadãos; milhões foram forçados a abandonar as suas casas e exilados.»¹⁴⁵.

A escalada do conflito assumiu proporções inéditas na Europa desde 1945 e obrigou a uma intervenção da NATO com o argumento de que seria necessário travar as violentíssimas limpezas étnicas em curso na península balcânica. O PCP critica violentamente as manobras militares da Aliança Atlântica na Jugoslávia. Os comunistas portugueses irão apoiar-se nos trágicos acontecimentos em curso naquele que era considerado um «país socialista exemplar»¹⁴⁶ para reforçar a defesa do carácter nocivo da hegemonia internacional dos EUA:

«Em frontal violação do direito internacional e à revelia da própria ONU e do seu Conselho de Segurança, onde países como a China e a Rússia recusam a completa instrumentalização que os EUA lhe querem impor. (...) A Jugoslávia tem sido metódica e perfidamente atacada, desmembrada, bloqueada, ocupada e utilizada numa estratégia de tensão que visa justificar o reforço da NATO e o relançamento da corrida aos armamentos.»¹⁴⁷.

O PCP defende que os EUA se serviram da NATO para decidir o encerramento do processo de diluição da Jugoslávia. Esse conflito traumático entre os separatistas balcânicos será o grande alicerce da interpretação comunista referente à crítica da unipolaridade norte-americana, acusando-a de ser um «contra-ataque do imperialismo».

¹⁴⁴ *Avante!*; N1354; 11 de novembro de 1999; pág 18.

¹⁴⁵ JUDT, Tony; (2005); *Pós-Guerra: História da Europa Desde 1945*; Lisboa; Edições70; Pág. 748.

¹⁴⁶ JUDT, Tony; (2005); *Pós-Guerra: História da Europa Desde 1945*; Lisboa; Edições70; Pág. 748.

¹⁴⁷ *Avante!*; N1321; 25 de março de 1999; pág 3.

3.7 - «O Comunismo não morreu!»:

A implosão do bloco comunista assinala o fim de uma era marcada pela rivalidade ideológica e o conflito iminente entre os dois colossos do pós-guerra. Para o comunismo, o século XX encerra-se com uma derrota que eliminou qualquer possibilidade de sucesso eleitoral ou revolucionário. As narrativas subsequentes sobre a União Soviética ilustram um regime de terror assente numa dinâmica totalitária semelhante à do nacional-socialismo que coloca o regime soviético *per si* como uma deformação contraditória ao pensamento de Marx e Engels. O terror vermelho imposto na Guerra Civil (1917-1921) e o regime homicida que se lhe seguiu votaram o marxismo-leninismo ao fracasso.

Como referi anteriormente, a interpretação do comunismo português sobre os «erros» cometidos no decorrer da cronologia soviética e sobre o futuro do marxismo é muito diferente. O PCP entende que o futuro continua a pertencer ao socialismo e que, apesar do desmoronamento da União Soviética, o capitalismo é munido dos mecanismos necessários à sua própria autodestruição. Álvaro Cunhal negou a morte do comunismo após dezembro de 1991 da seguinte maneira:

«Mas porventura esses acontecimentos poderiam alterar a razão de ser, da criação, da vida, da história, da luta do nosso Partido? (...) Porventura esses acontecimentos modificaram a natureza exploradora e agressiva do capitalismo e a incapacidade de o capitalismo resolver os grandes problemas da humanidade? Porventura esses acontecimentos podiam justificar que o nosso Partido renunciasse (como baldamente pretenderam alguns cá dentro e pressionaram outros de fora) ao grande objectivo (que inspirou a sua luta através de toda a sua existência) da construção de uma sociedade nova, uma sociedade libertada da exploração e opressão capitalista, das grandes desigualdades, discriminações, injustiças e flagelos sociais, (...) Porventura, camaradas, haveria qualquer razão, a mínima que fosse, para tornarmos o glorioso Partido que é o nosso em qualquer outra coisa, abandonando inclusivamente (como sugeriram alguns) o nome de comunista que, para nós, mais que um nome, é a marca de um ideal, de uma história assinalada pela luta heroica de gerações e gerações de combatentes, de uma ligação profunda com a classe operária, com os trabalhadores, com o povo? Não, camaradas. O nosso Partido respondeu negativamente a essas questões. Não porque fechasse os olhos aos grandes acontecimentos, às mudanças, às novas situações, aos novos fenómenos, antes dando novas e criativas respostas que a história exige. (...) Em

resumo: Partido que por vontade dos seus militantes está firmemente decidido a continuar a ser um partido comunista digno desse nome.»¹⁴⁸.

Álvaro Cunhal defende que a derrota do comunismo soviético não diminui o significado histórico mundial da Revolução de Outubro e dos valores que inspiraram a fundação do Partido Comunista Português. O histórico dirigente também reitera a convicção de que o marxismo-leninismo mantém total pertinência e que nunca será ultrapassado pela história enquanto existir o capitalismo. A interpretação de Álvaro Cunhal sobre o lugar do marxismo-leninismo e da União Soviética na história será elevada à interpretação do seu partido, que confiará às conclusões do seu maior dirigente uma veracidade que não alterou a forma e o conteúdo até ao momento em que escrevo.

¹⁴⁸ *Avante!*; N966; 25 de junho de 1992; pág 16.

Conclusões:

O socialismo soviético configurou os sustentáculos ideológicos em que assenta o Partido Comunista Português desde a sua fundação até aos dias de hoje. A fidelidade à União Soviética e à experiência social, política, económica e cultural que aquele país conduziu durante o século XX nunca foi posta em causa pelo comunismo português, que resistiu às críticas e às alternativas – como por exemplo o eurocomunismo – que esporadicamente surgiram no seio do Movimento Comunista Internacional. Como proclamaram e reiteraram os dirigentes do PCP, a fundação e a visão do partido são totalmente inspiradas pela revolução de outubro. O seguidismo do comunismo português limitou-se às convicções dos seus dirigentes, e rejeitou genuinamente eventuais fatores adicionais que, embora bem-vindos, não contribuíram para o reforço da saudável irmandade com a URSS, o PCUS e os seus respetivos dirigentes, pelo menos até ao ano de 1989.

A história da União Soviética é assinalada por vários capítulos que adulteraram os objetivos ambiciosos propostos pelos bolcheviques e que prometiam a primeira sociedade igualitária e onde não se verificasse nenhuma forma de exploração «do homem pelo homem». As «deformações» e os «crimes» apontados pelos dissidentes e revisionistas do marxismo durante a década de 1970 iniciaram-se com a brutalidade imposta pelos vencedores da guerra civil (1917-1921) e atingem um apogeu dramático no ano de 1968, em Praga.

O país dos soviets também haveria de ficar marcado pela engenharia social de proporções inéditas do estalinismo. Estaline implementou uma dinâmica totalitária assente no terror que subordinou o Partido à sua autoridade pessoal e eliminou os «sabotadores do povo» - reais ou imaginários – que constituíssem um obstáculo ao curso do socialismo realmente existente. Os crimes do velho ditador soviético foram parcialmente denunciados em 1956 pelo seu sucessor improvável, no XX Congresso do PCUS. O «discurso secreto» de Nikita Krushchev revelou-se, porém, insuficientemente sísmico para abalar a visão do comunismo português sobre o legado marxista do Vozhd. Apesar da indiferença de Estaline pelo sofrimento de todos os seus camaradas que eram perseguidos por regimes como o que era chefiado pelo ditador português António de Oliveira Salazar, para o PCP, o contributo decisivo da União Soviética para a derrota das potências do Eixo na II Guerra Mundial, revelou-se mais importante do que qualquer «excesso» resultante de um culto de personalidade «exagerado».

Os comunistas portugueses defenderam a intervenção do Exército Vermelho em Budapeste no rescaldo do terramoto desencadeado pelo discurso de Krushchev como uma medida necessária para «corrigir as correções»¹⁴⁹ propostas pelos sucessores de Estaline. Para o PCP, desde outubro de 1917 até ao mês de março de 1953, não se verificou nenhum desvio ou sequer o afastamento em relação aos valores e aos ensinamentos do marxismo.

O PCP adotou a mesma postura doze anos mais tarde: para muitos comunistas, a intervenção militar soviética na Checoslováquia foi o golpe fatal na utopia socialista. A ideologia que se propunha ser uma alternativa social e economicamente mais justa do que o capitalismo, revelou a mesma atitude que o fascismo em relação à oposição – a intolerância refletida no uso da força. Como referimos anteriormente, entre os desiludidos não se encontrava o PCP. Para Álvaro Cunhal e outros militantes do partido, a repressão da Primavera de Praga foi uma decisão acertada porque impediu o alastramento da dissidência a outras regiões do bloco comunista.

Concluimos que, para os comunistas portugueses, os erros e até algumas eventuais deformações no processo de construção da sociedade comunista não foram suficientemente relevantes para se assumirem como um afastamento em relação ao marxismo-leninismo. A única exceção foi precisamente a revolução de Mikhail Gorbachev.

O comunismo português recebeu as primeiras decisões do sétimo secretário-geral do PCUS com entusiasmo. A perestroika, pensavam os comunistas portugueses, era necessária para limpar as águas sujas do comunismo soviético e demonstrava a capacidade de renovação do socialismo até assumir um estágio evolutivo suficientemente coeso que supere definitivamente o capitalismo.

O PCP tinha razões para estar confiante. Mikhail Gorbachev iniciou funções com a convicção de que as sucessivas reformas que desejava introduzir iriam solucionar as deficiências e os atrasos cada vez mais visíveis da União Soviética. A estratégia do líder soviético incluía a integração pacífica da URSS no sistema internacional através do desanuviamento das tensões com os EUA por via da desnuclearização dos arsenais

¹⁴⁹ Entrevista com Rúben de Carvalho; 29/12/2016.

daquelas duas superpotências. Como nos explica Peter Kenez, Gorbachev acabou por concluir que os seus esforços nunca poderiam ter sucesso porque o sistema soviético concentrava indissolivelmente as contradições que a perestroika pretendia corrigir, sendo o desmantelamento do Estado a única solução.

Em retrospectiva, os comunistas portugueses interpretaram a postura de Gorbachev como um afastamento que atraçou o marxismo-leninismo cujo resultado foi o assassinio do bebé juntamente com as águas poluídas pelas deformações e erros acumulados na cronologia soviética. Concluimos que tanto a leitura política como a interpretação histórica do PCP recusaram a existência de problemas intransponíveis. A posição do partido perante o consulado de Mikhail Gorbachev é de crítica e acusações de afastamento e traição que foram diretamente responsáveis pela desagregação do bloco comunista.

O XIII Congresso extraordinário do PCP, ocorrido em maio de 1990, assinala o encontro oficial dos militantes, unicamente com o intuito de se discutirem os acontecimentos traumáticos em curso na Europa de Leste. Desse evento político resultaram cinco argumentos explicativos da implosão do socialismo, inertes no tempo. O discurso cunhado aponta no essencial para o afastamento do Politburo Soviético, cada vez mais apodrecido, dos militantes e da população em geral. A dogmatização da ideologia e a recusa da perestroika em implementar alternativas viáveis que garantissem a manutenção do país. O reforço da centralização económica como solução para a inexistência de ideias que substituíssem o moribundo motor da economia soviética. A insistência do PCP na visão sobre a implosão do comunismo, que foi desenvolvida no XIII Congresso extraordinário, permite-nos concluir que não se verificaram diferenças substanciais entre a leitura política e a interpretação histórica do PCP ante a conjuntura de 1989-1991.

A implosão da União Soviética teve consequências dramáticas para o PCP, que ficou associado a um projeto falhado e com hipóteses muito reduzidas de voltar a ser posto em prática. O acesso aos arquivos soviéticos tornou público a privação de cereais na Ucrânia no decorrer dos planos quinquenais estalinistas, o massacre da *intelligentsia* polaca na floresta de Katyn, o terror de 1937-1938, entre outros marcos tristemente célebres que mancham a história do comunismo e lhe atribuem, segundo Hannah Arendt, a mesma classificação criminosa que o nacional-socialismo. A tudo isso resistiu o PCP, que não rejeitou nem rejeita a inspiração da pátria do marxismo-leninismo na construção da identidade do partido.

Embora tenha sobrevivido ao maremoto de destroços que a falência da URSS arrastou para o monturo, onde se incluem os partidos comunistas europeus mais influentes e poderosos, o grande impacto de 1989-1991 sobre o comunismo português advém do «estado de negação», apontado por dissidentes como Zita Seabra e Raimundo Narciso, do PCP em relação ao fracasso do socialismo realmente existente: a União Soviética obrigou os seus adversários no Ocidente a progredirem em matérias relacionadas com os direitos sociais e melhores condições de vida para os trabalhadores, mas no interior do bloco comunista a contagem de cadáveres ofusca qualquer vestígio de progresso.

A postura política do Partido Comunista Português perante os acontecimentos ocorridos na União Soviética de Mikhail Gorbachev divide-se em duas fases antagónicas: numa primeira parte, compreendida entre março de 1985 e novembro 1989, o PCP apoiou a perestroika porque considerou as reformas necessárias à revitalização de uma União Soviética mergulhada na estagnação económica e no atraso tecnológico comparativamente às potências do Ocidente e mesmo à China de Deng Xiaoping. Os comunistas portugueses defenderam o sucesso da perestroika como um sintoma de superioridade e da capacidade de renovação do comunismo. Nas vésperas da derrocada efetiva, o PCP manteve o apoio ao impacto reformista, mas admitiu a existências de «plataformas antissocialistas» na Europa de Leste e no núcleo da URSS que se aproveitaram das boas intenções do líder soviético para corroer o socialismo real. A segunda fase da leitura política do PCP ante a URSS de Gorbachev inicia-se com a queda do Muro de Berlim. O trauma profundo do espectro da inevitável «anexação da RDA pela RFA» levou o PCP a acusar a revolução de Gorbachev de traição e afastamento do marxismo-leninismo e do legado «epopeico» da revolução de outubro.

Oficializada a extinção formal da União Soviética, a interpretação do PCP não irá divergir significativamente das opiniões proferidas no decorrer da desagregação do socialismo. Como vimos, o Partido cunhou todo um discurso no XIII Congresso extraordinário que não mais irá abandonar, e que tem sobrevivido à progressiva renovação de militantes e figuras com assento no Comité Central. Para o PCP, continua totalmente válida a ideia de afastamento e traição do comunismo por Mikhail Gorbachev, Aleksander Iakovlev e Edouard Chevardnadze.

Em novembro de 2017, no âmbito da comemoração do centésimo aniversário da revolução russa, Jerónimo de Sousa, o atual líder do PCP, proferiu um discurso no Coliseu

dos Recreios em Lisboa que repete as palavras de ordem de Álvaro Cunhal nos comícios do partido que tiveram lugar nos anos da derrocada e imediatamente após o ano de 1991. Para os comunistas portugueses, a tragédia da União Soviética não diminui o legado da revolução russa. O marxismo luso rejeita a morte da sua ideologia e defende - como sempre defendeu - que o futuro pertence ao socialismo.

Bibliografia - Estudos:

APPLEBAUM, Anne; (2013); *A Cortina de Ferro: O fim da Europa de Leste*; Porto; Civilização Editora.

BIEZEN, Ingrid Van; (2007); «Building party organisations and the relevance of past models: The communist and socialist parties in Spain and Portugal in *West European Politics*; 21:2.

Bozóki, A. & Ishitama J. (2002). An Unfinished Story, in Bozóki, A. & Ishiyama J. T. (orgs.) *The Communist Successor Parties of Central and Eastern Europe*, Nova Iorque: Routledge.

BROWN, Archie; (2010); *Ascensão e Queda do Comunismo*; Alfragide; Dom Quixote.

BROWN, Archie; (2007); «Perestroika and the End of the Cold War» in *Cold War History*; 7:1; p. 1-17.

Bruszt, L. (1990). 1989: The Negotiated Revolution in Hungary, *Social Research*, 57(2), 365-387.

Duarte, M. da S. (2016). Da Deriva Nacionalista de Direita no Século XXI: O Caso da Hungria no Contexto do Grupo de Visegrado. ISCTE-IUL, Lisboa.

FERREIRA, José Medeiros; (1994); *Portugal em Transe (1974-1985)* - volume 8 da História de Portugal dirigida por José Mattoso; Lisboa; Editorial Estampa/ Círculo de Leitores.

FERREIRA, José Medeiros; (1994); *Portugal: 20 de anos de democracia* - volume 9 da História de Portugal dirigida por José Mattoso; Lisboa; Editorial Estampa/ Círculo de Leitores.

HOBSBAWM, Eric; (2014); *A Era dos Extremos*; Lisboa; Editorial Presença.

JUDT, Tony; (2009); *Pós-Guerra: História da Europa desde 1945*; Lisboa; Edições 70.

JUDT, Tony; (2010); *Um Tratado sobre os nossos actuais descontentamentos*; Lisboa; Edições 70;

JUDT, Tony; SNYDER, Timothy; (2012); *Pensar o Século XX*; Lisboa; Edições70.

KENEZ, Peter; (2015); *História da União Soviética*; Lisboa; Edições70.

KRAMER, Mark; (2003); «The Collapse of East European Communism and the Repercussion within the Soviet Union (Part 3); in *Journal of Cold War Studies*; Vol.7; N.1; p. 3-16.

KUZIO, Taras; (2008); «Comparative perspectives on Communist successor parties in Central-Eastern Europe and Eurasia» in *Communist and Post-Communist Studies*; Vol.41; Issue 4; p. 397-419.

MADEIRA, João; (2013); *História do PCP (1921-1974)*; Lisboa; Edições Tinta-da-china.

NEVES, José; (2011); *Comunismo e Nacionalismo em Portugal*; Lisboa; Edições Tinta-da-china.

NJØLSTAD, Olav *Et al.* (2005); *The Last Decade of The Cold War: From Conflict Escalation to Conflict Transformation*; Taylor & Francis Group.

OLIVEIRA, Pedro Aires (coord.); (2011); *O fim da URSS, a nova Rússia e a Crise das Esquerdas*; Lisboa; Edições Colibri.

PEREIRA, José Pacheco; (2015); *Álvaro Cunhal, uma biografia política: O Prisioneiro*; Lisboa; Temas e Debates;

PEREIRA, José Pacheco; (2015); *Álvaro Cunhal, uma biografia política: O Secretário-Geral*; Lisboa; Temas e Debates.

PRIESTLAND, David; (2013); *A Bandeira Vermelha: História do Comunismo*; Alfragide; Texto Editores.

PRIESTLAND, David; (2002); «Soviet Democracy, 1917-91»; in *European History Quarterly*; Vol.32(1); p.111-130.

PRIESTLAND, David; (2000); «Marx and the Kremlin: Writing on Marxism-Leninism and Soviet politics after the fall of Communism»; in *Journal of Political Ideologies*; Vol.5(3); p.377-390.

ZIBLATT, Daniel F; (1998); «The Adaptation of Ex-Communist Parties to Post-Communist East Central Europe: a Comparative Study of the East German and Hungarian Ex- Communist Parties»; *in Communist and Post-Communist Studies*; Vol.31; No.2 ; p.119-137.

Bibliografia - Fontes:

Avante!; Ano 53; Série VII; N579; 31 de janeiro de 1985

Avante!; Ano 53; Série VII; N585; 14 de março de 1985

Avante!, Ano 53; Série VII; N606; 8 de agosto de 1985

Avante!; Ano 53; Série VII; N626; 14 de novembro de 1985

Avante!; Ano 53; Série VII; N634; 20 de fevereiro de 1986

Avante!; Ano 53; Série VII; N636; 6 de março de 1986

Avante!; Ano 53; Série VII; N637; 13 de março de 1986; 3º caderno

Avante!; Ano 56; Série VII; N648; 28 de maio de 1986

Avante!; Ano 56; Série VII; N680; 8 de janeiro de 1987

Avante!; Ano 56; Série VII; N684; 5 de fevereiro de 1987

Avante!; Ano 57; Série VII; N713; 27 de agosto de 1987

Avante!; Ano 57; Série VII; N715; 10 de setembro de 1987

Avante!; Ano 57; Série VII; N733; 14 de janeiro de 1988

Avante!; Ano 57; Série VII; N734; 21 de janeiro de 1988

Avante!; Ano 57; Série VII; N735; 28 de janeiro de 1988; 3º caderno

Avante!; Ano 58; Série VII; N754; 9 de junho de 1988

Avante!; Ano 58; Série VII; N758; 7 de julho de 1988

Avante!; Ano 59; Série VII; N795; 23 de março de 1989; pág. 15.

Avante!; Ano 59; Série VII; 13 de julho de 1989

Avante!; Ano 59; Série VII; 26 de outubro de 1989; 3º caderno

Avante!; Ano 59; Série VII; N832; 7 de dezembro de 1989; 4º caderno

Avante!; Ano 60; Série VII; N847; 22 de março de 1990; 4º caderno

Avante!; Ano 60; série VII; N855; 17 de maio de 1990; 2º caderno

Avante!; Ano 60; série VII; N856; 21 de maio de 1990

Avante!; Ano 60; Série VII; N878; 18 de outubro de 1990

Avante!; N905; 24 de abril de 1991

Avante!; N906; 1 de maio de 1991

Avante!; N922; 22 de agosto de 1991

Avante!; N938; 12 de dezembro de 1991

Avante!; N939; 19 de dezembro de 1991

Avante!; N942; 9 de janeiro de 1992

Avante!; N944; 23 de janeiro de 1992

Avante!; N966 25 de junho de 1992

Avante!; N995; 14 de janeiro de 1993

Avante!; N1035; 14 de outubro de 1993

Avante!; N1039; 11 de novembro de 1993

Avante!; N1047; 6 de janeiro de 1994

Avante!; N1133; 24 de agosto de 1995

Avante!; N1142; 19 de outubro de 1995

Avante!; N1199; 21 de novembro de 1996

Avante!; N1213; 27 de fevereiro de 1997

Avante!; N1274; 30 de abril de 1998

Avante!; N1321; 25 de março de 1999

Avante!; N1349; 7 de outubro de 1999

Avante!; N1354; 11 de novembro de 1999

Avante!; N1772; 15 de novembro de 2007

Avante!; N1776; 13 de dezembro de 2007

Conferência de Álvaro Cunhal em Ponte da Barca em 21 de maio de 1993 «O Comunismo Hoje e Amanhã». <https://www.dorl.pcp.pt/index.php/obras-alvaro-cunhal-menumarxismoleninismo-107/1941-o-comunismo-hoje-e-amanh-1993>.

Declaração de Mikhail Gorbachev; *Programa para a liquidação total dos armamentos nucleares até ao ano 2000*; 15 de janeiro de 1986; Biblioteca Nacional de Portugal.

Entrevista com Albano Nunes; 19/12/2016.

Entrevista com Raimundo Narciso; 06/12/2016.

Entrevista com Rúben de Carvalho; 29/12/2016.

GORBACHEV, Mikhail; (1987); *Perestroika: Anos de transformação e de esperança para a URSS e para o mundo*; Mem-Martins; Publicações Europa-América; pág. 27.

O Militante; N142; março de 1987; pág. 17.

«Putin deploras collapse of USSR; BBC;25 de abril de 2005.

<http://news.bbc.co.uk/2/hi/4480745.stm>

Resolução Política do XIII Congresso do PCP (Extraordinário) – Capítulo I:

<http://www.pcp.pt/resolu%C3%A7%C3%A3o-pol%C3%ADtica-do-xiii-congresso-do-pcp-extraordin%C3%A1rio-cap%C3%ADtulo-i> (consultado a 07/03/2018).

SEABRA; Zita (1989); *O nome das coisas: Reflexão em tempos de mudança*; Mem-Martins; Publicações Europa-América; pág. 16.